

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS MODERNAS
IX CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO NO ENSINO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS
MODERNAS

ROBERTO JARDIM RIELLA

INTELIGIBILIDADE DE PALAVRAS TERMINADAS COM MORFEMA
***ED* NO CONTEXTO DE INGLÊS COMO LÍNGUA FRANCA**

MONOGRAFIA

CURITIBA

2013

ROBERTO JARDIM RIELLA

**INTELIGIBILIDADE DE PALAVRAS TERMINADAS COM MORFEMA
ED NUM CONTEXTO DE INGLÊS COMO LÍNGUA FRANCA**

Monografia apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Especialista no Ensino de Línguas estrangeiras modernas, do Departamento Acadêmico de Línguas Estrangeiras Modernas, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Lúcia Castro Gomes

CURITIBA

2013

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a todos aqueles que, de alguma maneira, estiveram envolvidos neste trabalho.

Primeiramente, a Deus, pois sem ele nada disso seria possível.

Em segundo lugar, agradeço a minha família, por apoiar-me na minha decisão de mudança de carreira. Mesmo sabendo que isso seria muito difícil, sempre pude contar com a sua compreensão, ajuda e amor incondicional.

Agradeço também aos meus amigos, por estarem ao meu lado nos momentos difíceis e por compreenderem a minha ausência, muitas vezes necessária para a conclusão deste trabalho.

Ofereço uma menção especial à minha orientadora, professora Malu, que compreendeu as minhas dificuldades por ser o meu primeiro trabalho acadêmico nesta área de pesquisa e por me ajudar em tudo que foi possível, dispondo de seu preciso tempo para que uma pesquisa de qualidade fosse alcançada.

Finalmente, agradeço aos diretores e coordenadores dos centros de línguas da Universidade Federal do Paraná (UFPR) e da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) por autorizarem a pesquisa de campo em suas instalações e aos alunos destas instituições por participarem de todas as etapas de forma tão atenciosa.

A todos vocês, o meu sincero:

Muito Obrigado!

RESUMO

RIELLA, Roberto J. **Inteligibilidade de palavras terminadas com morfema *ed* num contexto de inglês como língua franca**. 2013. 51f. Monografia (Especialização no Ensino de Línguas Estrangeiras modernas) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2013.

A globalização é uma realidade e a necessidade de comunicação entre os povos de diferentes línguas maternas vem crescendo cada vez mais. Para isso a língua inglesa foi escolhida como o meio de comunicação em todo mundo sendo, na atualidade, a língua franca mundial. É de fundamental importância que se analise a inteligibilidade dos falantes brasileiros, principalmente por possuírem características marcantes na pronúncia de algumas palavras devido, principalmente, a influências do português. Uma dessas características é a realização de uma epêntese vocálica na pronúncia de palavras terminadas com o morfema *ed*. Um guia proposto pela autora Jeniffer Jenkins (2000) chamado *Lingua Franca Core* (LFC), que tem como objetivo mostrar quais são os pontos mais importantes no que diz respeito à fonética para que não existam problemas de inteligibilidade entre os falantes de ELF. Entretanto, este guia nada menciona sobre a importância, ou não, de um foco especial à epêntese. Para verificar se este fenômeno fonético causa algum tipo de quebra na comunicação, alguns testes foram realizados com falantes nativos, falantes brasileiros e falantes de outras nacionalidades, que avaliaram as frases gravadas por brasileiros com diferentes níveis de proficiência. Os mesmos participantes da pesquisa avaliaram, também, se o nível de sotaque dos brasileiros também é fator predominante na comunicação efetiva. Os resultados mostraram que, apesar da real ocorrência da vogal epentética nas palavras terminadas com *ed*, isto não foi fator predominante para a quebra de comunicação entre os brasileiros e os seus ouvintes, mas sim, outros fatores que o LFC julga como menos relevantes.

Palavras-chave: Inteligibilidade. Epêntese. Inglês como Língua Franca. Fonética. Lingua Franca Core.

ABSTRACT

RIELLA, Roberto J. **Intelligibility of words ending with the morpheme ed in an English as a Lingua Franca context**. 2013. 51f. Monografia (Especialização no Ensino de Línguas Estrangeiras Modernas) - Federal Technology University - Parana. Curitiba, 2013.

The globalization is a reality and, the needs for communication among the peoples with different mother languages, has been growing even more. To do so, English has been chosen as the worldwide Lingua Franca. It is extremely important to analyze the Brazilian speakers' intelligibility, mainly because they possess special speaking characteristics in the pronunciation of some words, which may cause communication breakdowns. One of these characteristics is the production of an epenthesis in the pronunciation of words ending with the morpheme *ed*. A guide proposed by Jennifer Jenkins called *Lingua Franca Core* (LFC) whose objective is show the most important phonetic parts and which of them are important to avoid intelligibility problems among English as a Lingua Franca speakers. Nevertheless, this guide does not mention anything about the epenthesis. To verify if this phenomenon causes any kind of communication breakdowns, some tests were done with English native speakers, Brazilian speakers and speakers with different nationalities, who evaluated sentences recorded by Brazilians with different proficiency levels. The same participants also evaluated if the Brazilian accent has any influence to an effective communication. The results showed that, even with the proven epenthesis in the words ending with *ed*, this was not an important factor for communication breakdown among the Brazilians and their listeners. Other factors, however, which the LFC points out as less relevant, had a significant role in this breakdown.

Keywords: Intelligibility. Epenthesis. English as a Lingua Franca. Phonetics. Lingua Franca Core.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	6
2 INGLÊS COMO LÍNGUA FRANCA	9
3 INTELIGIBILIDADE E SOTAQUE DO INGLÊS COMO LÍNGUA FRANCA ...	13
3.1 LINGUA FRANCA CORE	16
4. INGLÊS COMO LÍNGUA FRANCA NO BRASIL E OS TRABALHOS SOBRE EPÊNTESE.....	24
5. METODOLOGIA	28
6. RESULTADOS	31
7. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	38
8. CONCLUSÃO	46
APÊNDICE I - Termo de consentimento em participação voluntária na pesquisa.....	51
APÊNDICE II - Formulário utilizado pelos participantes da pesquisa.....	52
APÊNDICE III - Formulário utilizado pelos participantes da pesquisa com respostas.....	53
APÊNDICE IV – Formulários com as transcrições de todos os participantes	54

1 INTRODUÇÃO

A língua inglesa nos dias atuais vem recebendo várias denominações no que diz respeito, principalmente, ao contexto do seu uso. Inglês como Língua Internacional ou Inglês como Língua Franca (ELF) é como, atualmente, é conhecida a língua utilizada para o relacionamento internacional entre falantes não nativos de inglês.

Por muito tempo, o foco da maioria das instituições de ensino, tanto públicas como privadas, era ensinar o Inglês como Língua Estrangeria (EFL), ou seja, capacitar os alunos falantes não nativos de inglês a comunicar-se efetivamente com falantes nativos. Para isso, não só a língua era o foco do ensino, mas também toda a cultura por trás dela, enfatizando-se principalmente as culturas inglesa e norte-americana. Em todo e qualquer exercício de aprendizado, fosse ele fonético, lexical ou sintático, a ideia era sempre aproximar o aluno ao máximo à forma nativa do idioma, sendo ele o modelo "perfeito" a ser atingido. O motivo para isso era que, num passado menos globalizado, a maioria dos estudantes buscava os cursos de idiomas para, basicamente, viajar ou fazer negócios com países anglófonos.

Com o passar dos anos, através da globalização, tanto dos negócios como da mídia, a comunicação entre não nativos do inglês tornou-se uma realidade muito maior. Pessoas de diversas partes de mundo, oriundas de localidades com os mais diversos idiomas maternos, sentiram a necessidade de comunicar-se. Para que isso fosse possível, o inglês foi eleito como o idioma facilitador dessa comunicação, tornando-se a língua franca mundial.

É através do Inglês como Língua Franca (ELF) que se dá a comunicação entre empresas multinacionais e entre comunidades de origens linguísticas diferentes e, por esse motivo, é necessário dar-se um foco pedagógico especial no momento de passá-lo às pessoas interessadas no aprendizado da língua inglesa. Através do ELF, acaba-se o "mito" de que o objetivo principal dos aprendizes de inglês seria copiar os falantes nativos, pois sabe-se que, na atualidade, a grande maioria das comunicações em inglês se dá entre não nativos deste idioma (CRYSTAL, 2003).

Um dos pontos importantes a ser trabalhado com os alunos interessados em aprender o ELF é a questão fonética, que desempenha papel fundamental para uma eficiente comunicação. Pensando na questão pedagógica da fonética de ELF, Jenkins (2000) elaborou uma lista de itens fonéticos, denominada Língua Franca Core (LFC), que seriam fundamentais para que houvesse uma comunicação efetiva, ou seja, que o inglês pudesse ser transmitido de uma forma pela qual os interlocutores, independente de suas origens linguísticas, pudessem comunicar-se de forma efetiva sem nenhum tipo de interrupção devido a não compreensão de algum aspecto específico.

Uma das características fonéticas principais do sotaque brasileiro é a produção de uma epêntese vocálica na pronúncia de palavras terminadas com o morfema *ed* (passado simples e particípio passado dos verbos regulares da língua inglesa). Analisando os resultados dos estudos de Jenkins (2000), observou-se que não há nenhuma recomendação a respeito de algum tipo de atenção específica a esse morfema no momento do ensino da língua inglesa, o que motivou um estudo específico para esse caso.

Uma série de pesquisas foram realizadas para comprovar a produção desse fenômeno fonético pelos falantes brasileiros de inglês e a maioria chega a mesma conclusão, de que a epêntese vocálica é sim um dos marcos fortes do sotaque brasileiro. No entanto, até o presente momento, não existem muitos trabalhos a respeito da inteligibilidade entre falantes brasileiros e não nativos, ou seja, não há muitas pesquisas para avaliar se a existência desta epêntese irá, ou não, causar algum tipo de quebra de comunicação, o que motivou a condução desta pesquisa. A principal hipótese é que este fenômeno pode sim trazer influências negativas para a inteligibilidade dos falantes brasileiros.

Através de gravações e transcrições realizadas tanto por brasileiros falantes de inglês, com diversos graus de proficiência, como por nativos (anglófonos) e falantes estrangeiros de inglês, não nativos, foram realizados dois testes: o grau de inteligibilidade existente quando ocorre o fenômeno da epêntese vocálica e se é possível perceber o nível de sotaque dos falantes brasileiros de inglês de diferentes níveis de proficiência, pelos estrangeiros (tanto nativos quanto não nativos).

O segundo capítulo desta monografia irá falar sobre a difusão do inglês como língua internacional pelo mundo, como ela se deu e qual a importância de um foco específico no ensino do ELF na atualidade.

Subsequentemente, o terceiro capítulo falará das pesquisas até hoje realizadas sobre a inteligibilidade do inglês como língua franca num contexto global. Neste capítulo será mencionado o *Lingua Franca Core* proposto por Jenkins (2000), como ele funciona e suas implicações práticas no ensino do idioma.

Em seguida, o capítulo quatro apontará as pesquisas realizadas no Brasil, com um foco principal à produção da epêntese vocálica pelos falantes brasileiros quando utilizam palavras terminadas com o morfema *ed*. Esse capítulo também citará um importante estudo sobre inteligibilidade de palavras terminadas em *ed* por brasileiros.

Os capítulos seguintes irão tratar mais objetivamente sobre a metodologia da pesquisa desta monografia em si, os resultados obtidos e as comparações com a literatura já existente sobre este tema para que seja possível chegar-se a uma conclusão sobre as hipóteses propostas pelo autor.

2 INGLÊS COMO LÍNGUA FRANCA

Atualmente, o aprendizado da língua inglesa vem se tornando algo imprescindível no Brasil. Há alguns anos, a pessoa que era capaz de comunicar-se efetivamente neste idioma era vista como alguém com um diferencial em relação aos outros. Hoje em dia, porém, devido principalmente à globalização, o conhecimento de tal idioma é pré-requisito básico para o ingresso no mercado de trabalho, seja em empresas nacionais ou multinacionais.

A expansão dos grandes negócios por todo o mundo fez com que países de diferentes culturas e, principalmente, diferentes idiomas sentissem a necessidade de comunicar-se entre si e a língua inglesa foi o idioma escolhido para que isto fosse efetivamente possível, tornando-se a língua global, ou língua franca mundial. Diferente do que muitos pensam, o inglês não foi eleito o idioma universal, ou global, simplesmente pela dita simplicidade de sua gramática, mas sim, segundo Crystal (2003), pelo poder político e econômico que os países anglófonos possuíam, e ainda possuem. O mesmo aconteceu com o grego, o latim e o francês nas diferentes épocas do passado.

Foi a partir da Segunda Guerra Mundial que o inglês tornou-se a língua de escolha para os negócios, devido ao grande poder econômico exercido pelos Estados Unidos. Por isso, a grande maioria das pessoas interessadas em aprender um novo idioma o fazia justamente para comunicar-se com nativos da língua. A partir dessa mesma época, os meios de comunicação em massa, as manifestações artísticas em geral como cinema, televisão, música, etc., as novidades tecnológicas e os estudos científicos, eram provenientes de países anglófonos e, por isso, o modelo de inglês perfeito, aquele a ser ensinado como o correto, seria sempre falado pelos nativos, principalmente os americanos ou os ingleses (CRYSTAL, 2003).

Nos últimos anos, porém, essa realidade vem se modificando rapidamente, principalmente porque os países anglófonos não detêm mais o poder econômico que costumavam deter e a quantidade de negócios entre países com diferentes idiomas oficiais vem se tornando cada vez maior. Por

causa dessa grande expansão econômica, a quantidade de não nativos que adotaram o inglês para comunicar-se entre si cresceu exponencialmente tornando-se difícil atualmente, como cita Graddol (2006, p.110), identificar quem são os reais falantes nativos desse idioma.

Para que esta questão ficasse um pouco mais clara, Braj Kashru (CRYSTAL 2003; GRADDOL 2006; BECKER, 2009) elaborou três círculos que representam as comunidades falantes de inglês no contexto atual:

- Círculo interno (*inner circle*): compreende os países que têm o inglês como o principal ou único idioma utilizado nos meios de comunicação e pelo governo. Países como Estados Unidos da América, Reino Unido, Irlanda, Austrália, Nova Zelândia e Canadá.

- Círculo externo ou círculo estendido (*outer circle* ou *extended circle*): compreende os países que, por algum motivo, adotaram o inglês como idioma oficial, principalmente nas áreas burocráticas do governo, por exemplo, mas que não o têm como sua primeira língua. Geralmente são países com uma quantidade grande de idiomas diferentes falados em várias partes de seus territórios, como é o caso da Índia, Cingapura, Nigéria, etc.

- Círculo em expansão (*expanding circle* ou *extending circle*): compreende os países cujo idioma oficial não é o inglês, mas que reconhecem a importância desta como língua internacional, mesmo não tendo nenhuma relação direta com o idioma. Este é o caso de países como Brasil, Alemanha, França, etc. Nesses países o inglês é ensinado como língua estrangeira.

Kashru ainda ressalta a ideia de que os falantes provenientes dos países do círculo interno são aqueles que "ditam" as regras e os padrões do uso da língua, ou seja, aqueles que têm o poder de estabelecer normas; os falantes do círculo externo ou estendido são os que estão em vias de desenvolvimento de uma norma e, conseqüentemente, os falantes dos países no círculo em expansão são os dependentes de uma norma. (FERNANDES, 2009). Deve-se ter um pouco de cuidado, entretanto, ao seguir fielmente este modelo, pois, o número de falantes não nativos vem crescendo consideravelmente, fazendo com que novas variantes da língua inglesa surjam em diferentes partes do mundo, dependendo da origem linguística primária dos seus falantes, pois muitos irão contribuir com variantes específicas influenciadas pelos seus próprios idiomas maternos.

Quando se é feita uma análise da população falante de inglês dos países que se enquadram nas classificações acima citadas, principalmente as pessoas provenientes do círculo em expansão, é importante deixar claro que o grau de proficiência no idioma pode variar consideravelmente. Podem ser considerados falantes de inglês desde pessoas que estejam ainda com níveis básicos de proficiência até aqueles que possuem fluência próxima aos falantes nativos. Considerando esses fatores, Crystal (2003) fez um apanhado geral da população, ou seja, uma grande média, e chegou à conclusão de que a proporção atualmente de falantes não nativos de inglês para a de falantes nativos é de 1:3, ou seja, a quantidade de falantes não nativos de inglês é três vezes maior.

Por causa disto, muito se discute, atualmente, sobre qual é o modelo a ser seguido quando se pensa no ensino e aprendizado da língua inglesa. Se antes o intuito da maioria dos aprendizes do inglês era comunicar-se efetivamente com falantes nativos da língua, agora, neste novo contexto, onde a comunicação existente entre não nativos é muito maior, seria aquele o modelo ideal?

O que está ocorrendo é que, com a certeza de que o inglês é a língua necessária para a comunicação entre outros povos, um novo formato de língua vem surgindo, aquele que não segue mais os padrões britânicos ou americanos, não possui mais a mesma carga cultural dos países anglófonos, mas sim, um idioma inglês universal, que serve para o diálogo entre diferentes pessoas, com diferentes contextos e necessidades, ou seja, o Inglês como Língua Franca (ELF) (JENKINS, 2000; GRADDOL, 2006).

Segundo Rajagopalan (2004), a ideia de que os falantes nativos de inglês são os donos da língua vem perdendo terreno entre os linguistas, ainda que seja algo um pouco controverso, ou mesmo, anárquico. O que se deve deixar claro é que não existe um falante nativo de ELF, já que esta é uma língua falada pelo mundo inteiro, com diferentes regras, que são impostas pelas pessoas que a utilizam no dia a dia.

Para que isto não se torne confuso, é necessário aclarar que o inglês como primeira língua segue existindo, pois ainda há pessoas que o aprenderam na infância e são monolíngues, ou seja, não são capazes de comunicar-se através de outro idioma, estes sim seriam considerados os

falantes nativos de inglês, ou os falantes de ENL (*English as a Native Language*).

O importante para Rajagopalan (2004), porém, é que ao tratar-se do inglês como língua franca (ELF), ou seja, aquela falada nos check-ins dos aeroportos, nas mesas de negócios das grandes multinacionais ou até mesmo entre adolescentes de diferentes países em uma sala de bate-papo na internet, não existe um ditador de regra, aquele que diga o que está certo ou errado. Por isso, uma atenção especial deve ser dada no momento do ensino do inglês.

Como no passado, o objetivo final da maioria das pessoas era comunicar-se efetivamente com os falantes nativos do inglês padrão (americano ou britânico), a abordagem usada na maioria dos cursos de idiomas era trazer a realidade anglófona para mais perto de seus alunos e os professores nativos eram aqueles que detinham as melhores oportunidades de sucesso na carreira docente. Entretanto, com a realidade do Inglês como Língua Franca (ELF) cada vez mais forte, uma outra conduta deve ser tomada e outros aspectos da comunicação, que talvez antes não fossem priorizadas, devem ser repensados. Estariam, por exemplo, os falantes não nativos de inglês comunicando-se de maneira eficaz? E quais aspectos da comunicação os professores de ELF devem focar ao repassar o conhecimento do idioma aos seus alunos?

Se uma análise mais a fundo for feita, a comunicação entre falantes não nativos de inglês se dá, geralmente, no mundo corporativo, através de reuniões, telefonemas, e-mails e videoconferências. Por causa disso, uma atenção especial deve ser dada à inteligibilidade, ou seja, existe a necessidade de se avaliar o quão bem se dá a interação oral entre dois falantes ELF.

3 INTELIGIBILIDADE E SOTAQUE DO INGLÊS COMO LÍNGUA FRANCA

Quando ainda se era difundida a ideia de que o inglês ideal era aquele falado pelos nativos da língua, muitas pessoas acreditavam que um dos principais motivos para a falta de compreensão entre as pessoas, ou seja, a quebra constante de comunicação, era o nível de sotaque dos indivíduos ao falar inglês.

Após a conclusão de que, atualmente, a língua inglesa vem se tornando cada vez mais diversificada, com pessoas de diferentes nacionalidades utilizando-a para comunicar-se em diversos tipos de contextos, é extremamente necessário compreender como, e se, estas pessoas estão realmente comunicando-se de forma efetiva.

Munro e Derwing (1999) citam em seu estudo que o nível de sotaque era motivo de discriminação, principalmente em nível profissional. Para eles qualquer tipo de sotaque era apontado por estudiosos da área como o principal motivo para a quebra de comunicação e que o simples fato de uma pessoa possuir sotaque estrangeiro já a qualificava em um nível inferior de proficiência. Por isso, a maioria dos cursos de idiomas ou autores de livros didáticos enfatizavam os exercícios fonéticos para erradicar qualquer resquício de sotaque estrangeiro na língua inglesa, ou seja, capacitar os aprendizes a chegar o mais próximo do sotaque nativo, principalmente o americano ou britânico.

No entanto, após serem realizados vários estudos para comprovar o real papel do sotaque na inteligibilidade dos falantes não nativos, foi impossível chegar a uma conclusão efetiva. Isso quer dizer que o sotaque não possui um papel relevante e que não deve ser este o ponto crucial no ensino de EFL. (MUNRO & DERWING, 1995).

Em um estudo conduzido por Munro, Derwing e Holtby (2011), no qual eles analisaram a percepção de sotaque por diversos ouvintes, os autores concluíram que a inteligibilidade não é uma questão importante apenas para os falantes de inglês, mas também para os ouvintes. Segundo eles, é necessário que os estes estejam acostumados a ouvir falantes de inglês de diferentes origens linguísticas, isto indicaria que pessoas que possuem nenhuma ou

pouca interação com falantes não nativos de inglês tendem a ter mais problemas de inteligibilidade. Este estudo também mostra que, falantes de inglês não-nativos quando se comunicam entre si, possuem mais facilidade de compreensão, mesmo se eles não compartilhem a mesma língua mãe.

Em um outro estudo sobre análise de compreensão, Roberson (2011) examinou a comunicação entre falantes não-nativos de inglês com origens linguísticas distintas. Em seu trabalho, a autora também mostra que a qualidade dos ouvintes influencia mais na compreensão de falantes não nativos que as frases produzidas por eles. Entretanto, ela mostra que quando falantes não-nativos tendem a ser mais exigentes ao grau de sotaque de seus pares, enquanto falantes nativos, por compreenderem o fato de que o nervosismo e falta de prática influenciam na fala, tendem a ser menos exigentes.

Ainda assim existe um receio por parte dos estudiosos de que haja um descontrole fonético da língua inglesa, principalmente no que se diz respeito ao Inglês como Língua Franca (ELF). Se já não existe um modelo a ser seguido e se existem pessoas de vários contextos linguísticos diferentes utilizando o inglês como meio de comunicação, é de extrema necessidade avaliar se eles conseguem realmente comunicar-se de forma efetiva (FERNANDES, 2010).

Existem autores como Rajagopalan (2010) que acreditam que inteligibilidade é um conceito muito abstrato, que o que é inteligível para alguns, pode não ser para outros. Tudo seria uma questão de costume, meramente cultural. Munro (2010), no entanto, contesta esta ideia, dizendo que a inteligibilidade é sim um conceito de extrema importância, pois quaisquer más interpretações ou erros devido à quebra de comunicação causada por falta de inteligibilidade poderiam causar sérios problemas para seus interlocutores.

Todavia, antes que qualquer análise seja feita, seria necessário compreender o que o termo "inteligibilidade" realmente significa. Muitos autores defendem diferentes significados para esse termo como Bamgbose - citado por Jenkins (2000) - por exemplo, que diz que inteligibilidade é um grupo de fatores que compreende reconhecer uma expressão, saber o seu significado e saber o que este significado representa num contexto social. Smith e Nelson (1985, p.334), citados por Jenkins (2000), porém, sugerem o uso de três diferentes termos, são eles: inteligibilidade, compreensibilidade e interpretabilidade. O

primeiro seria o ato de reconhecer a palavra ou expressão, o segundo faz referência ao significado da palavra ou expressão e o terceiro em compreender o que o falante quis dizer com aquela palavra ou expressão.

Segundo Kenworthy (1987, p.13), inteligibilidade é "ser compreendido por um ouvinte em uma certa hora e em uma certa situação" (tradução própria)¹. Entretanto, essa definição pode gerar algumas dúvidas, por isso ela sugere que se use uma definição mais operacional. Para a autora, quanto maior o número de palavras que o ouvinte consiga identificar por um falante em particular, mais inteligível ele é, ou seja, inteligibilidade seria a capacidade de identificar uma palavra, independente da maneira com a qual ela é dita.

Para Jenkins (2000), entretanto, é necessário realizar-se uma análise muito mais profunda para que seja possível chegar a uma conclusão mais sensata do que o termo *inteligibilidade* representa. Um dos fatores a ser considerado seria a carga cultural e o conhecimento linguístico dos interlocutores. Alguns equívocos comuns de falantes não nativos da língua inglesa podem passar despercebidos durante uma conversação simples se o seu interlocutor conhece a fundo a forma correta da língua ou a cultura implícita no contexto da fala. Isto normalmente acontece em comunicações entre não nativos e nativos. Porém, ao tratar-se do inglês como língua franca, cujos interlocutores possuem conhecimentos e culturas distintas, a comunicação se tornaria mais complexa.

Por isso, o termo inteligibilidade diz respeito à produção e ao reconhecimento das propriedades formais das palavras e expressões e, em particular, a habilidade de produzir e receber a forma fonológica, sendo isto um pré-requisito (porém, não uma garantia) de sucesso na comunicação. (JENKINS, 2000, p.78). Como será esta a autora que este trabalho seguirá como referência, a sua definição de *inteligibilidade* será levada em consideração durante as discussões posteriores.

O que a autora argumenta é que na maioria dos casos em que existe comunicação através do Inglês como Língua Franca (ELF), justamente pela falta de fundo cultural e, talvez, falta de conhecimento linguístico dos interlocutores, ambos confiam somente na audição para entender o diálogo, e

¹ "Intelligibility is being understood by a listener at a given time in a given situation"

qualquer problema na articulação das palavras nesse momento causaria algum tipo de defeito ou quebra. Para que essas quebras fossem menos frequentes, através de pesquisas com falantes de Inglês como Língua Franca, Jenkins (2000) selecionou uma lista de itens que deveriam ser aprendidos pelos estudantes da língua inglesa para promover a inteligibilidade. Essa lista foi denominada *Lingua Franca Core*.

3.1 LINGUA FRANCA CORE

Durante muito tempo Jenkins (2000) constatou que não existiam pesquisas relevantes que chegassem a conclusões no que diz respeito à inteligibilidade fonética do inglês como língua internacional (ou língua franca). Por isso, resolveu usar dados de pesquisas realizadas por ela durante vários anos, até mesmo para outros fins, para confeccionar essa lista de itens fonéticos importantes para a compreensão entre falantes não nativos.

Apesar de essa lista ser basicamente voltada aos falantes não nativos, ela ainda assim tem como base principal de referência as duas vertentes do inglês mais comumente utilizadas para o ensino de EFL (Inglês como Língua Estrangeira), o *RP (Received Pronunciation) English* (que constitui o inglês usado no Reino Unido) e o *GA (General American) English* (inglês usado nos Estados Unidos da América). Segundo a autora, isso só foi feito para levar em consideração os falantes de inglês como segunda língua, que o aprenderam tomando como base estas duas vertentes. Ela também deixa claro que, essa lista não deverá ser imposta a ninguém, pois cada indivíduo possui o livre arbítrio para escolher como e com quem irá comunicar-se.

Primeiramente, exemplos de má comunicação e quebra de comunicação foram observadas em pesquisas de campo realizadas em salas de aula composta de alunos com diferentes primeiras línguas. Em seguida, foram feitas gravações de pares e grupos de pessoas com diferentes línguas maternas participando de atividades com tarefas comunicativas. Também foi realizada uma investigação com falantes não nativos de inglês no que diz respeito a acento nuclear onde foi dado um foco principal em qualquer problema de discurso.

Após todas as coletas de dados e observações, chegou-se a conclusão de que as áreas mais importantes para a preservação de uma inteligibilidade fonética mútua no Inglês como Língua Internacional seriam:

1. Sons consonantais individuais
2. Grupos consonantais
3. Vogais
4. Acento Nuclear (tonicidade de sentença)

Após chegar a essas conclusões, a autora resolveu analisar também a relevância desses itens no que diz respeito ao ensino. Muitos deles tornam-se muito difíceis de ser ensinados em sala de aula, talvez pela sua complexidade ou até pelas expectativas dos próprios alunos em relação à língua em si. Por isso, muitos dos itens existentes no LFC sejam praticamente impossíveis de serem ensinados em um contexto de sala de aula e, muitas vezes, possam somente ser adquiridos no meio externo, ou seja, através do uso no dia-a-dia.

Para esclarecer exatamente quais são os pontos discutidos no LFC escrito por Jenkins (2000), os pontos principais serão descritos a seguir:

- Sons consonantais individuais:

Muitos falantes de inglês como Língua Franca (ELF) sentem muita dificuldade em pronunciar certos sons consonantais, principalmente por causa da sua origem linguística. Muitos destes sons, não estão presentes em suas línguas nativas e, para que se haja comunicação, muitos deles utilizam substituições fonéticas que julgam apropriadas para cada caso. Como vimos anteriormente, pelos falantes não nativos do inglês confiarem quase que somente no som da fala para compreender o que estão escutando, isso pode causar algum tipo de confusão e, em consequência, quebra de comunicação.

Um exemplo deste fenômeno são os povos orientais, principalmente Coreanos, Malaios e Tailandeses que sentem muita dificuldade em pronunciar o fonema /f/ e o substituem por /p/ como no caso de *coffee*, que passaria a ser compreendido como *copy*. Ou os brasileiros que geralmente trocam o /tʃ/ em

chair por /ʃ/ em *share*. (WALKER, 2010). Por causa disso, os sons consonantais individuais estão como uma lista de prioridades pedagógicas no LFC, ou seja, uma atenção especial deve ser dada a eles quando do ensino do ELF.

Os únicos dois sons consonantais individuais que Jenkins resolveu não incluir no LFC foram os fonemas /θ/, como em *think*, e /ð/ como em *this*. Segundo a autora, mesmo com a atenção e foco especiais que a grande maioria dos professores de inglês dá ao ensino desses fonemas, não existe um resultado prático satisfatório. A grande maioria dos falantes de ELF utiliza-se do artifício da substituição consonantal para uma comunicação mais fluente. Na maior parte dos casos, o fonema /θ/ é substituído pelo /t/ e o /ð/ pelo /d/, o que não causa grandes prejuízos à comunicação.

Apesar de todos os sons consonantais individuais serem importantes, um foco maior é dado a alguns deles. Seria o caso dos fonemas /p/, /t/, /k/, /l/ e /r/.

Seis consoantes do inglês são classificadas como plosivas, devido à maneira como são produzidas. Ao produzir estes sons, o falante segura o ar em sua boca e o solta de uma forma repentina, similar a uma pequena explosão, daí o seu nome. Este é o caso dos fonemas /p/, /t/, /k/, /b/, /d/ e /g/. Os três primeiros são classificados como desvozeados e os três últimos como vozeados. A principal diferença entre eles é a aspiração que é dada ao momento de pronunciar os segmentos desvozeados da sílaba tônica. Uma aspiração inadequada pode transformar /p/ em /b/, ou seja *pear* em *bear*, /t/ em /d/ ou *tear* em *dear* e /k/ em /g/ faria a palavra *coat* ser compreendida como *goat*. Com isso, conclui-se que uma correta aspiração seria essencial para a inteligibilidade do EFL (WALKER, 2010).

Jenkins cita, também, o fonema /t/ isoladamente. Quando vem entre vogais ele é pronunciado diferentemente por falantes de inglês americano e britânico, como no caso de palavras como *water*, *matter*, ou *butter*. Os americanos produzem um fonema muito mais próximo ao /d/ do que ao /t/ e

isso pode causar certa confusão aos ouvintes, como por exemplo, confundir as palavras como *letter* e *ladder*. Segundo a autora, seria importante que os aprendizes de ELF seguissem a forma britânica, ou RP, por estar mais explícita inclusive na ortografia.

No caso do fonema /l/ existe uma certa particularidade. Esse fonema não funciona da mesma maneira em palavras como *lap* ou *pencil*. Quando este fonema é pronunciado no começo das palavras, ou antes de uma vogal marcada, ele funciona como um /l/ claro, porém quando é pronunciado após uma vogal marcada ele soa de outra forma, chamada de "dark" /l/. Muitos falantes com primeiras línguas distintas podem ter problemas ao pronunciar o "dark" /l/ e, por isso, fazem uma substituição muito comum, pelo fonema /ʊ/. Como isso não gera, segundo o LFC, quebra de comunicação, seria uma alternativa válida. Assim, palavras como *milk* seriam ditas como [mɪʊk] e *doll* como [dɔʊ]. Por isso Jenkins não inclui o "dark" /l/ no *core*.

O último dos sons consonantais isolados citados no LFC é o /r/, que também difere entre as variantes RP e GA. Os americanos (e pessoas de outros países também, como Canadá, Irlanda, Escócia, etc.), na sua grande maioria pronunciam o fonema /r/ de uma forma muito marcada quando ele vem logo após uma vogal, como é o caso de palavras como *power* ou *teacher*. Os falantes de RP, inglês australiano e neozelandês, por outro lado, não produzem som nenhum, tornando o /r/ completamente mudo. Isso pode causar alguma confusão para os ouvintes de ELF. Como a letra "r" está representada ortograficamente nessas palavras, Jenkins recomenda que a pronúncia seja mais próxima ao GA.

Jenkins também menciona a diferença no comprimento sonoro dado às vogais ao serem pronunciadas antes de consoantes *fortis* e *lenis*, ou seja, consoantes aspiradas e não aspiradas vozeadas, como é o caso das palavras *seat* (que utiliza o fonema /iː/) e *sit* (/ɪ/). Muitos aprendizes de ELF não são ensinados, até mesmo porque a maioria dos guias utilizados pelos professores

não menciona a importância disto, e até mesmo os próprios falantes nativos do inglês podem não perceber que esse fenômeno ocorre.

Os aprendizes de ELF não fazem automaticamente esta distinção no comprimento vocálico antes dessas consoantes, ou seja, a palavra *seat* pode ser reproduzida como *seed*. No entanto, segundo a autora, o ensino dessas diferenças não é difícil e não demanda muito tempo, e por isso ele foi incluído no LFC. Porém, há um fator importante a ser discutido: a simplificação de alguns grupos consonantais.

- Encontros consonantais

Encontros consonantais são grupos de consoantes que podem encontrar-se tanto no começo das palavras como em *Spanish*, no meio das palavras como em *structure*, ou no final das palavras como em *important*. Estes grupos muitas vezes não ocorrem em outros idiomas e, por isso, a correta pronúncia se torna difícil para muitos aprendizes de EFL. (WALKER, 2010)

As sílabas do inglês são mais complexas que as de vários outros idiomas por possuírem regras que muitas vezes tornam-se difíceis de serem compreendidas pelos falantes não nativos, por isso, muitas vezes, ocorrem alguns desvios na fala. Um caso típico de adição é a produção de uma epêntese vocálica, que seria a adição de uma vogal antes de uma consoante. Uma estratégia amplamente utilizada para a simplificação silábica. Porém, segundo a autora menciona no LFC: "adições (compreendendo a epêntese e a paragoge com schwa) são menos prováveis de comprometer a inteligibilidade, pois esses erros são mais fáceis de serem recuperados pelo ouvinte" (tradução do autor)². Certamente, a epêntese pode até mesmo servir para clarificar a consoante que segue e, então, aumentar a inteligibilidade para falantes menos fluentes.

Esta afirmação é muito importante para este estudo, pois, como citam Dalatorre (2006), Gomes (2009) e Fernandes (2009), esse tipo de epêntese, citado no LFC por Jenkins, é uma característica típica dos aprendizes brasileiros, principalmente no que se diz respeito ao passado e o participio

² "Deletion and addition, the latter (comprising epenthesis and schwa paragoge) is less likely to compromise intelligibility since the underlying form is more easily recoverable."

passado dos verbos regulares do inglês, que terminam com o morfema *ed*. O principal questionamento é se a epêntese vocálica realizada pelos brasileiros na produção de palavras com o morfema -ED causaria, ou não, alguma quebra de comunicação.

Por todos esses motivos, os grupos consonantais são de extrema importância no *Lingua Franca Core*.

- Vogais

Existe uma variedade muito maior de diferenças vocálicas nos diversos tipos de inglês falados no mundo. Essas variações são tão grandes que fica muito difícil classificá-las em padrões, como RP ou GA, por exemplo, pois dentro do mesmo país existem pronúncias vocálicas diferentes, de acordo com a região.

Por isso, o LFC dá mais ênfase à duração vocálica do que à qualidade da vogal, ou seja, se ela é pronunciada exatamente como um americano ou britânico a pronuncia, por exemplo. Isso acontece, pois a qualidade vocálica varia muito de acordo com os diferentes tipos de pronúncia do inglês nos países onde ele é falado e o ensino específico de um deles não traria benefícios aos falantes não nativos.

Contudo, o LFC indica que no ensino de ELF, os professores devem focar a sua atenção nas vogais curtas e longas, como em *seat* [si:t] e *sit* [sɪt], pois muitos outros idiomas não possuem essa diferenciação. Seria muito importante mostrar que a única diferença entre as palavras *ice/eyes*, *back/bag*, *leaf/leave* ou *peace/peas* é o comprimento vocálico, pois os pares possuem o mesmo fonema vocálico (JENKINS, 2000).

Isso não quer dizer, no entanto, que os falantes de ELF devem utilizar-se de sons vocálicos diferentes indiscriminadamente, pois isso sim traria uma quebra de comunicação séria. Eles devem, sim, ser consistentes, ou seja, utilizar-se sempre dos mesmos artifícios para sua comunicação.

- Acento nuclear (tonicidade de sentença)

O último fator analisado pelo *Lingua Franca Core* é o acento nuclear ou tonicidade de sentença. Análises do inglês falado mostram que os falantes dividem as frases que dizem em grupos de palavras que podem ser tão pequenos como uma palavra em si, mas na maioria dos casos esses grupos possuem em média quatro palavras (WALKER, 2010).

Essa divisão pode tornar a comunicação mais efetiva, pois o conteúdo chega ao ouvinte em blocos mais fáceis de ser assimilados. Esse tipo de fenômeno é muito comum em monólogos, ou seja, discursos, palestras, aulas expositivas, etc., pois os ouvintes podem facilmente interromper o falante para que possam esclarecer eventuais dúvidas que podem aparecer durante a fala. No entanto, uma pausa inadequada pode causar sérios problemas de inteligibilidade e discursos sem pausas podem causar erros de pronúncia e de vocabulário.

Segundo Jenkins (2000), o acento nuclear realça a parte mais saliente da sentença e deixa claro ao ouvinte a qual informação o locutor está dando mais importância, isto é, para qual parte deve ser dada mais atenção. O ensino do acento nuclear é de fundamental importância, pois a língua inglesa possui pouca flexibilidade morfológica e diferenças de sintaxe para marcar as partes importantes das sentenças.

O uso inapropriado do acento nuclear pode causar confusões sérias entre os interlocutores, pois pode atrair a atenção dos ouvintes para uma parte não fundamental da sentença. Um exemplo mencionado por Walker (2010) é a de um falante Húngaro pedindo a seus companheiros brasileiro e franco suíço uma caneta colorida. Para isso ele fala "*Do you have a blue VUN?*", usando a tonicidade na última palavra. Além disso, há um desvio de pronúncia, pois o falante utiliza o fonema /v/ ao invés de /w/. Nenhum dos dois companheiros entendeu o que ele quis dizer, e perguntavam repetidamente "*VUN, VUN?*", palavra na qual a tonicidade foi usada. Se o falante tivesse utilizado a tonicidade correta, isto é, na palavra *blue* - *Do you have a BLUE vun?* - possivelmente os ouvintes o teriam compreendido, mesmo com o uso errôneo do fonema.

Além do acento nuclear, existe também outro fator relacionado à tonicidade, mas este diz respeito à tonicidade verbal ou tonicidade de palavras. O LFC indica que, ao contrário do primeiro, não é de fundamental importância que se dê uma atenção especial, por parte dos instrutores, no ensino da tonicidade verbal, pois ela não causaria muitos danos à inteligibilidade.

Walker (2010), no entanto, indica que o ensino adequado de tonicidade de palavras seria benéfico por duas razões: alguns estudos sugerem que uso incorreto da sílaba tônica pode ter impacto negativo tanto para falantes nativos quanto para não nativos e, também, tornaria mais fácil a compreensão do acento nuclear (já mencionado como de fundamental importância para a comunicação em ELF).

4. INGLÊS COMO LÍNGUA FRANCA NO BRASIL E OS TRABALHOS SOBRE EPÊNTESE

O Brasil, nos últimos anos, tem se tornado um país cada vez mais engajado no ensino da língua inglesa, principalmente por motivos econômicos. Por ser o maior e mais rico país da América do Sul, a quantidade de negócios com empresas estrangeiras vem crescendo exponencialmente, assim como o aumento do turismo. Por isso, a procura por cursos de inglês pela população em geral, cresce na mesma proporção do crescimento econômico.

Quando se trata do ensino do ELF para brasileiros, uma das principais preocupações seria a parte fonética e fonológica, pois, como já visto nos capítulos anteriores, é de vital importância que uma correta pronúncia seja alcançada para que se haja uma correta compreensão entre os interlocutores.

Algumas pesquisas já foram realizadas para a análise do Inglês como Língua Franca com os aprendizes Brasileiros. Cruz (2006), por exemplo, pesquisou a inteligibilidade de pronúncia do inglês como língua franca com a participação de brasileiros, onde ela questiona a confiabilidade do *Lingua Franca Core* proposto por Jenkins (2000). Em seu estudo ela aponta que muito do que é proposto no LFC pode ser sim levado em consideração, porém existe a necessidade de se analisar mais dados para testar a sua confiabilidade.

Gomes (2010) mostra a importância que deve ser dada ao ensino da parte fonética da língua inglesa, pois, por muito tempo, o foco dado era somente a leitura e a escrita. Porém, com o passar do tempo, a necessidade de comunicação falada entre os brasileiros e os falantes de outros idiomas se tornou cada vez mais recorrente e o inglês foi o idioma escolhido para tal. Muitos questionam essa necessidade, pois defendem a ideia de que o tempo utilizado em sala de aula para o ensino da fonética poderia ser utilizado para outras atividades de cunho comunicativo e que a correta pronúncia das palavras poderia ser alcançada com o tempo e com a prática.

O que se deve levar sempre em consideração, é que, mesmo se o foco pedagógico dos cursos de inglês não levam a fonologia em consideração, os brasileiros, assim como os outros falantes de inglês como língua franca, possuem suas características específicas ao falar este idioma e, como

menciona Jenkins (2000), essas características próprias de cada falante não podem e não devem ser ignoradas.

Fazendo-se uma relação com o capítulo anterior, onde se discutiu o *Lingua Franca Core* proposto por Jenkins (2000), os brasileiros possuem uma característica marcante na fala da língua inglesa: a adição de uma vogal extra. Esta adição geralmente ocorre em palavras começadas com grupos consonantais com o fonema /s/, após consoantes isoladas no final das palavras e entre duas consoantes em grupamentos consonantais, como nas palavras terminadas com o morfema *ed*. (DELATORRE, 2006)

Baptista (2001), mencionada em Delatorre (2006), mostra que os brasileiros possuem uma forte tendência em adicionar uma vogal epentética ou vogal extra, geralmente /ə/, /ɪ/ ou /i/, entre os grupamentos consonantais finais, criados por assimilação. Os falantes mais proficientes tendem a adicionar o schwa /ə/, enquanto os menos proficientes adicionam o /ɪ/, produzindo palavras como ['wɜrkəd] ou ['wɜrkɪd] ao invés de ['wɜrkt].

Existem vários possíveis motivos para tal fenômeno. Gomes (2008) argumenta que um dos motivos seria a simplificação silábica que os aprendizes brasileiros de inglês tendem a produzir devido à influência do seu idioma materno. As estruturas silábicas mais comuns na língua portuguesa são as representadas por CV, enquanto na língua inglesa seriam as sílabas CVC. Porém, existem estruturas muito mais complexas podendo chegar até em CCCVCCC como em palavras como *scrimped* ou *splints*. Como estas estruturas não comuns no português tornam-se muito difíceis de serem produzidas pelos brasileiros, estes tendem a transformá-las em sílabas mais comuns em seu idioma materno como CVCV. Isso cria não só a epêntese vocálica, mas também a paragoge, que é a adição de uma vogal logo após uma consoante final.

Autores como Delatorre (2006), Frese (2006), Alves (2004) e Koerich (2002) também pesquisaram os motivos pelos quais os brasileiros têm a forte tendência de produzir a epêntese vocálica ao pronunciar palavras terminadas com o morfema *ed* e suas conclusões vão muito além do que somente a influência da língua materna. Segundo eles, motivos como ortografia, as tarefas

propostas, marcação e a instrução também possuem forte influência em tal fenômeno.

Já que está claro que existe realmente uma modificação fonética na língua inglesa quando esta é falada por brasileiros, uma análise mais a fundo deve ser feita para verificar se esta característica específica causaria algum efeito na inteligibilidade.

Fernandes (2009), em sua tese de mestrado, investigou a inteligibilidade e o inglês como língua internacional através de um estudo de caso da pronúncia de palavras terminadas no morfema *ED* por falantes brasileiros. Em seu trabalho, ela apresentou pequenas tarefas que consistiam em, primeiramente, a criação de pequenas histórias no passado e, em seguida, a leitura de textos que continham palavras terminadas em *ed*. As amostras de fala espontânea (através das histórias) foram apresentadas a ouvintes portugueses e indianos que tiveram que avaliar, em uma escala de 1 a 3, a inteligibilidade de fala. Num segundo momento, as amostras de leitura foram apresentadas aos mesmos ouvintes e transcritas por eles.

Os resultados mostraram que a característica particular dos brasileiros ao falar as palavras do passado dos verbos regulares da língua inglesa afetou relativamente a inteligibilidade. Durante a avaliação da fala espontânea, a inteligibilidade foi relativamente maior possivelmente pelo fato de haver um contexto na fala, ou seja, os ouvintes foram capazes de compreender o contexto não se atendo às palavras no passado em si. Na segunda tarefa, houve uma discrepância nos resultados, pois os portugueses reconheceram mais palavras que os indianos.

Isto pode ter acontecido, segundo a autora, pelo fato de que os portugueses são tidos como falantes de inglês como língua estrangeira, assim como os brasileiros, e são dependentes da forma dos nativos, por isso possuem formas semelhantes de falar esse idioma. Já os indianos são vistos como falantes de inglês como segunda língua e em vias de desenvolvimento de suas próprias normas, por isso possuem formas muito distintas de falar o inglês (FERNANDES, 2009).

Em suas conclusões, a autora sugere que novas pesquisas sejam realizadas a fim de comprovar a real necessidade de um foco pedagógico específico no ensino do passado dos verbos regulares do inglês, já que seus

resultados mostram que tal fenômeno pode realmente influenciar negativamente a inteligibilidade dos falantes brasileiros.

Todas as pesquisas acima mencionadas juntamente com a análise do LFC e as afirmações de Jenkins (2000) que ele deve ser constantemente revisto para que não ocorram problemas futuros entre falantes de inglês como língua franca, motivaram um estudo mais a fundo sobre a inteligibilidade através da hipótese de que a característica marcante do falante brasileiro causaria sim uma quebra de comunicação.

5. METODOLOGIA

Com o objetivo de avaliar se a produção de epêntese vocálica na fala de palavras terminadas com *ed* por falantes brasileiros de inglês gera, ou não, uma quebra de comunicação, uma pesquisa de campo foi realizada com locutores brasileiros e nativos da língua inglesa (anglófonos) e interlocutores de várias nacionalidades.

Os dados utilizados para os testes realizados nesta pesquisa foram realizados a partir de gravações feitas Gomes (2009) em sua pesquisa sobre a produção do morfema *ed* por falantes brasileiros. Foram gravadas 60 pessoas de diferentes idades e níveis de proficiência na língua inglesa. De todos os dados colhidos, porém, 12 foram excluídos da análise final por não se encaixarem no perfil necessário para a pesquisa.

Todos os informantes analisados eram adultos, estudantes e professores universitários de cursos de graduação e pós-graduação, em diferentes áreas, 17 do sexo masculino e 31 do sexo feminino. Havia, também, dois informantes nativos da língua inglesa, uma americana e uma britânica, e seus dados foram coletados somente para fins de comparação dos resultados obtidos.

A coleta dos dados foi realizada através de leitura de textos pelos informantes e, em seguida, relatos espontâneos sobre o entendimento do conteúdo. Dez textos foram lidos gerando um conteúdo total de 190 amostras de 126 palavras flexionadas com o morfema *ed*. As gravações foram realizadas em estúdio por um técnico em áudio que gravou o conteúdo em um CD em formato mp3 (GOMES, 2009).

Para a realização da primeira parte desta pesquisa específica, para a avaliação da existência, ou não, de comprometimento de inteligibilidade quando da produção da epêntese vocálica por brasileiros, foram retiradas 10 amostras da pesquisa de Gomes (2009), sendo que 8 eram frases gravadas pelos falantes brasileiros de diferentes níveis de proficiência segundo o quadro comum europeu. Respectivamente, foram utilizadas duas gravações de falantes de nível A1, uma de nível A2, uma de nível B1, duas de nível B2, uma de nível C1 e uma de nível C2. As outras duas gravações utilizadas foram feitas por falantes nativas, uma americana (ANS) e uma britânica (BNS), para

fins de comparação de resultados. Em algumas das gravações, existiam palavras com o morfema *ed*, objeto de estudo, e em outras não, justamente para que os ouvintes não desconfiassem do motivo da pesquisa e os resultados não fossem "contaminados".

Para a segunda parte da pesquisa, na qual se avaliou a percepção de sotaque pelos ouvintes, foram utilizadas novamente 10 amostras diferentes das anteriores, também retiradas da pesquisa de Gomes (2009). Essas amostras seguiram o mesmo critério da parte anterior, porém com uma amostra de falante nível A1, uma de nível A2, duas de nível B2, duas de nível B1, uma C1 e uma C2. Sendo que duas amostras diferentes dos falantes nativos (ANS e BNS) também foram utilizadas em caráter comparativo.

Para a realização das duas partes da pesquisa, 30 ouvintes foram separados em 3 grupos distintos, sendo eles: 10 brasileiros falantes de inglês, 10 nativos do inglês sem distinção de nacionalidade e 10 falantes de inglês, não nativos, de diferentes nacionalidades.

O grupo de brasileiros foi selecionado no curso de graduação de letras de uma instituição federal na cidade de Curitiba - PR, sendo que eram todos adultos e possuíam nível intermediário de proficiência no idioma inglês.

O grupo de nativos do inglês foi selecionado nos cursos de português para falantes de outras línguas (PFOL) de dois diferentes centros de línguas de instituições federais de ensino, também na cidade de Curitiba - PR. Somente uma das participantes nativas não era aluna de uma dessas instituições, e sim, professora de línguas em uma instituição privada de ensino. Este grupo consistia em 9 americanas e 1 australiana.

Finalmente, o grupo de não nativos falantes de inglês também foi selecionado no curso de PFOL das mesmas instituições citadas acima. Este grupo foi constituído por 3 franceses, 1 belga, 1 colombiana, 1 coreana, 1 dinamarquesa, 1 chileno, 1 holandês e 1 norueguês.

Todos os participantes concordaram em fazer parte da pesquisa, anonimamente, através de um termo de consentimento assinado (APÊNDICE I).

A primeira parte da pesquisa consistia em ouvir as dez primeiras gravações, separadamente, duas vezes cada uma (para não haver problemas na memorização da sentença completa), e os ouvintes deveriam transcrever

exatamente aquilo que ouviam, sem margem para nenhum tipo de interpretação. Para isso, foi dado um formulário específico, com espaços disponíveis para as transcrições, separados de 1 a 10. No cabeçalho desse formulário havia, também, espaço para que o ouvinte pudesse dizer a sua nacionalidade e se estava familiarizado, ou não, com a maneira brasileira de se falar inglês. (APÊNDICE I)

Para a segunda parte da pesquisa, que avaliava o nível de sotaque dos falantes, um segundo espaço no mesmo formulário foi utilizado. Nele os ouvintes possuíam as transcrições do segundo grupo de frases, separados de um a 10. Ao lado das transcrições havia uma escala de 1 a 5, sendo 1 correspondente a *no foreign accent*, 2 a *mild accent*, 3 a *moderate accent*, 4 a *strong accent* e 5 a *very strong accent*. As gravações eram passadas somente uma vez e os ouvintes deveriam somente circular o número correspondente a sua percepção de sotaque. (APÊNDICE I)

Para a coleta de dados os participantes de cada grupo foram colocados, juntos, em uma sala de aula com pouco ruído e as gravações foram passadas através do sistema de áudio de um computador portátil com amplificadores. Somente um dos participantes, a americana que não estudava na instituição, realizou a pesquisa separadamente, mas em um ambiente similar com o mesmo equipamento. Os dados foram coletados em dias diferentes.

Após completado todo o processo de coleta de dados, todos os formulários foram organizados e separados em seus diferentes grupos, e analisados.

6. RESULTADOS

Como o objeto de estudo, da primeira parte da pesquisa, era a compreensão das palavras terminadas em *ed*, foi feita uma compilação das transcrições feitas pelos participantes de cada grupo.

Através dos formulários, foi possível analisar quais dos verbos presentes nas frases gravadas e repassadas aos ouvintes foram compreendidos na íntegra, parcialmente ou totalmente incompreendidos. Para uma melhor organização, foi feita uma tabela separada por grupos, onde o grupo 1 (G1) compreendia os falantes nativos, grupo 2 (G2) os falantes brasileiros e (G3) os falantes de outras nacionalidades.

É importante aclarar que, apesar dos ouvintes terem escutado e transcrito 10 frases, somente 8 delas possuíam palavras terminadas em *ed* e, conseqüentemente, somente estas foram analisadas. Como descrito na metodologia, as 2 frases sem *ed* estavam presentes somente para a distração dos ouvintes.

Os resultados mostram que, tratando-se do grupo 1, a inteligibilidade das palavras terminadas em *ed* foi relativamente alta (71%), mesmo quando os falantes possuíam um nível mais baixo de proficiência da língua. Para chegar a esse resultado, foi feita uma média das palavras escritas corretamente pelos ouvintes. A porcentagem de compreensão de cada frase pelo grupo 1 está descrita na tabela 1. A porcentagem foi calculada em relação ao número de acertos das palavras terminadas em *ed* em cada frase, sendo que havia frases com mais de uma palavra com esta característica.

TABELA 1- Porcentagem de inteligibilidade de cada palavra com -ed pelo grupo 1 (%)

	Compreendida	Escreveu outra palavra	Acertou a palavra mas não pôs <i>ed</i>	Deixou em branco
ANS	70	0	30	0
BNS	30	30	0	40
C1	80	0	20	0
B2	90	0	5	5
B1	65	20	5	0
A2	75	5	20	0
A1	70	20	0	10

Houve, porém, algumas palavras específicas que foram compreendidos parcialmente, ou seja, o ouvinte entendeu a palavra, mas ao transcrevê-la não utilizou o *ed* caracterizando, assim, falta de inteligibilidade. Um exemplo foi a palavra *wanted*, utilizada pelo falante brasileiro de nível A2. De todos os ouvintes, somente 50% a compreendeu totalmente, enquanto 40% acertou a palavra, mas não pôs o *ed* e 10% não compreendeu a palavra.

Ainda no mesmo grupo a palavra *concerned*, utilizada por um falante de nível B1, causou falta de inteligibilidade em 70%, sendo que desse total, 40% dos ouvintes escreveu outra palavra e 30% deixou a parte da frase que correspondia a *concerned* em branco.

O dado mais curioso, porém, é o que corresponde à palavra *called*, utilizada pela falante nativa britânica. De todos os ouvintes do grupo 1 que, assim como a pessoa que gravou a frase, também são nativos de inglês, 70% não compreendeu corretamente o verbo. Sendo que 40% deixou a parte correspondente a esta palavra em branco e 30% escreveu outra palavra.

Em relação às outras palavras, houve alguns desvios isolados, porém não muito relevantes de maneira específica, mas que no geral ajudam a demonstrar alguma falta de inteligibilidade.

Quando analisados os dados do grupo 2 (brasileiros), os resultados foram muito parecidos aos do grupo 1. O índice de inteligibilidade total das palavras foi o mesmo (71%), porém com menos desvios específicos relevantes, como mostra a tabela 2.

TABELA 2 - Porcentagem de inteligibilidade de cada palavra com -ed pelo grupo 2 (%)

	Compreendida	Escreveu outra palavra	Acertou a palavra mas não pôs <i>ed</i>	Deixou em branco
ANS	20	0	80	0
BNS	30	10	0	60
C1	90	0	10	0
B2	90	5	5	0
B1	70	5	5	20
A2	80	0	20	0
A1	90	10	0	0

O fator mais relevante nos dados pertinentes ao grupo 2 é que os resultados mostram um alto índice de falta de inteligibilidade quando os participantes foram expostos às gravações feitas pelos falantes nativos da língua. No caso da palavra *seemed*, utilizada pela falante americana, 80% dos participantes deste grupo acertou a palavra, mas não pôs o *ed* e, na palavra *called* dita pela falante britânica, 60% a deixou em branco na frase e 10% escreveu outra palavra.

Apesar destes fatores importantes, no geral os resultados do grupo 2 foram bastante satisfatórios, mostrando que os brasileiros têm certa facilidade em compreender os seus conterrâneos.

O grupo 3, porém, mostrou os resultados mais diversificados da pesquisa. Dos três grupos, foi o que teve o menor de índice geral de compreensão (60%), mas que ainda assim mostra que a comunicação ainda foi efetiva. Os resultados gerais estão descritos na tabela 3.

TABELA 3 - Porcentagem de inteligibilidade de cada palavra com -ed pelo grupo 3 (%)

	Compreendida	Escreveu outra palavra	Acertou a palavra mas não pôs <i>ed</i>	Deixou em branco
ANS	20	0	50	30
BNS	50	0	0	50
C1	100	0	0	0
B2	70	0	0	30
B1	55	0	10	35
A2	70	20	5	5
A1	40	40	0	20

O que mais chama atenção nos resultados do grupo três é o alto índice de respostas em branco (24%), mostrando que a quebra de comunicação foi muito maior neste grupo.

Houve também alguns detalhes específicos que chamaram a atenção nos resultados do grupo 3. Assim como o grupo 2, a grande maioria dos ouvintes não compreendeu a palavra *seemed* utilizada pela falante americana, sendo que 50% acertou a palavra mas não escreveu o *ed* e 30% deixou o espaço correspondente a ela em branco. A palavra *begged* utilizada pelo

falante de nível B2 também causou problemas para os integrantes deste grupo, pois 40% a deixou em branco.

Assim como nos resultados do grupo 1 a palavra *concerned*, utilizada pela falante de nível B1, causou grande índice de quebra de comunicação, pois 70% a deixou em branco na frase e 10% escreveu outra palavra, ou seja, somente 20% realmente compreendeu o que estava sendo dito na íntegra. Algo parecido ocorreu com a palavra *touched*, a diferença, porém, é que neste caso 40% escreveu outra palavra e 20% a deixou em branco na frase.

A palavra *wanted* utilizada pelo falante de nível A2 foi bem compreendida, mas 40% dos integrantes do grupo 3 não a escreveram com o morfema *ed*, mostrando que o entendimento não foi completo.

Através de uma análise total dos resultados dos três grupos, é possível, então, concluir que, mesmo com a utilização da epêntese vocálica na pronúncia de palavras com o morfema *ed*, os brasileiros foram bem compreendidos e que as falhas de inteligibilidade geradas especificamente por este fenômeno fonético são baixas.

A segunda parte da pesquisa, como mencionado na metodologia, tinha o intuito de avaliar o nível de percepção de sotaque dos ouvintes, e os resultados foram bastante divergentes. Como na parte anterior, os ouvintes foram separados em três grupos sendo que os participantes do G1 eram os ouvintes nativos de inglês, do G2 os ouvintes brasileiros e do G3 os ouvintes de outras nacionalidades.

Os resultados apontam que os integrantes do G1 possuem uma melhor percepção do sotaque dos nativos, ou seja, conseguem reconhecê-lo facilmente. Pois, sendo eles também nativos do idioma, têm mais facilidade de perceber o seu próprio sotaque. No que diz respeito ao sotaque dos brasileiros, o nível de percepção de sotaque foi diminuindo na mesma proporção que o nível de proficiência dos falantes. Os resultados específicos estão apresentados na tabela 4.

TABELA 4 - Porcentagem de avaliação do nível de sotaque percebido pelo grupo 1 (%).

	No foreign accent	Mild accent	Moderate accent	Strong accent	Very strong accent
ANS	80	20	0	0	0
BNS	40	40	20	0	0
C1	10	80	10	0	0
B2	0	20	30	50	10
B1	0	0	10	50	40
A2	0	0	0	40	60
A1	0	20	70	10	0

A única exceção foi com o falante de nível A1, ou seja, o de menor nível de proficiência. Neste caso, 70% dos integrantes do G1 o classificaram como *moderate accent* (sotaque moderado), 20% como *mild accent* (sotaque suave) e apenas 10% como *strong accent* (sotaque forte). O que causa um pouco de surpresa por se tratar de um falante de nível básico. A razão disto pode ser explicada pelo fato de que a frase dita por ele ser mais simples que as demais ou também pelo fato de ter sido a segunda a ser avaliada pelos ouvintes, sem possibilidade de muitas comparações.

O que parece curioso, também, é o fato de que 40% dos integrantes do G1 responderam que a falante britânica possuía sotaque suave e 20% acharam o seu sotaque moderado. Isso pode ter ocorrido por uma falta de entendimento dos ouvintes aos termos utilizados na pesquisa. Como a grande maioria dos ouvintes era americana eles responderam a avaliação de acordo com a sua percepção de sotaque estrangeiro e não de sotaque nativo. Existe sim uma diferença de termos, pois mesmo ambos americanos e britânicos serem nativos do idioma inglês, eles não pertencem à mesma nação e, por isso, são considerados um pelo outro como estrangeiros.

Os integrantes do G2, por outro lado, mostraram resultados muito mais divergentes. Os ouvintes brasileiros parecem ater-se muito mais aos detalhes e ser mais rígidos quanto ao nível de seus conterrâneos. Os resultados da pesquisa com os integrantes do G2 encontram-se na tabela 5.

TABELA 5 - Porcentagem de avaliação do nível de sotaque percebido pelo grupo 2 (%).

	No foreign accent	Mild accent	Moderate accent	Strong accent	Very strong accent
ANS	40	50	10	0	0
BNS	80	20	20	0	0
C1	30	60	10	0	0
B2	0	10	40	40	10
B1	0	0	0	20	80
A2	0	0	0	30	70
A1	0	10	30	40	20

Ao contrário do grupo anterior, 80% dos integrantes do grupo 2 consideraram que a falante britânica não possuía sotaque estrangeiro. Ou seja, neste caso está claro que para os brasileiros o termo *foreign accent* diz respeito a ser nativo, ou não, da língua e não a nacionalidade em si da pessoa.

Só que, mesmo com essa melhor percepção, a avaliação do sotaque da falante americana foi considerada suave pela maioria (50%). Há duas hipóteses que podem, talvez, explicar este resultado: a primeira é que todos os ouvintes do grupo 2 estudam o idioma inglês através de material didático focado no inglês britânico; a segunda é que a falante americana que gravou a frase vive no Brasil há um tempo considerável o que pode ter tido alguma influência no seu sotaque.

De qualquer maneira, assim como no grupo 1, para os integrantes do G2 a percepção de sotaque marcante foi diretamente proporcional ao nível de proficiência dos falantes, só que com níveis mais proeminentes. Com exceção, novamente, da falante de nível A1 possivelmente pelas mesmas razões mencionadas anteriormente, ou por ela ter uma boa pronúncia, mesmo estando no nível básico.

O grupo 3, mais uma vez, foi o que apresentou os resultados mais diversos. O motivo para isso pode ser pelo fato de que este grupo era composto por indivíduos de distintas nacionalidades o que pode influenciar na sua percepção de sotaque. Os resultados do G3 estão descritos na tabela 6.

TABELA 6 - Porcentagem de avaliação do nível de sotaque percebido pelo grupo 3 (%).

	No foreign accent	Mild accent	Moderate accent	Strong accent	Very strong accent
ANS	50	30	20	0	0
BNS	60	30	10	0	0
C1	20	70	0	10	0
B2	0	20	50	20	10
B1	0	0	20	30	50
A2	0	10	0	30	60
A1	0	20	80	0	0

Os integrantes do G3 parecem divergir mais em relação aos falantes nativos. Porém, segundo eles, quanto mais baixo o nível de proficiência dos outros falantes, maior o seu grau de sotaque, assim como demonstraram os resultados dos grupos anteriores. Os resultados do G3 são tão heterogêneos que é muito complicado de se chegar a uma conclusão mais específica.

Através de toda a análise da pesquisa de campo, os resultados obtidos foram confrontados com a literatura para que uma conclusão mais concreta fosse possível de ser tomada.

7. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Através de uma análise apurada dos resultados da pesquisa de campo, foi possível chegar a várias conclusões a respeito do tema pesquisado e é de fundamental importância que elas sejam comparadas com a literatura já existente sobre o tema.

A primeira observação possível foi realmente a frequência com a qual os brasileiros produzem a epêntese vocálica ao pronunciarem as palavras terminadas em *ed*. Durante toda a pesquisa, isto ficou muito claro a todos os observadores, sendo, na maioria das vezes, tema de discussão com os participantes após a conclusão da pesquisa. Isso só comprova o que diz Delatorre (2006) e Gomes (2009). Todos os falantes de inglês, não brasileiros, incluindo os nativos e os não nativos, deixaram muito claro que percebem que isto realmente ocorre.

Como citado anteriormente, o objetivo da pesquisa era comprovar se tal fenômeno causaria uma falha significativa de inteligibilidade, já que muitos acreditam que sim e, inclusive, Fernandes (2009) comprova em seu trabalho como essa característica típica do brasileiro influencia negativamente sua interação com falantes de inglês de outras nacionalidades.

No entanto, a ideia principal era confrontar os resultados com o *Lingua Franca Core*, proposto por Jenkins (2000), que não inclui o morfema *ed* especificamente como um encontro consonantal de fundamental importância didática.

Os resultados da primeira parte da pesquisa na qual os participantes avaliaram especificamente o morfema *ed* demonstrou que, na grande maioria dos casos, a epêntese vocálica não causou muitos problemas. A maioria dos participantes da pesquisa, dos três grupos, compreendeu corretamente as palavras utilizadas. Como mostrado anteriormente, tanto G1 como G2 tiveram o mesmo índice geral de compreensão das frases escutadas (71%) o que mostra um alto índice de entendimento, mas não exclui o fato de que existe sim algum problema que deve ser analisado mais a fundo e, até mesmo melhorado, pois 29% de falta de inteligibilidade não pode ser considerado, tampouco, um índice baixo.

Entretanto, como este trabalho trata de inglês como língua franca, o G3 deve ter uma atenção mais especial por se tratar do grupo composto por integrantes não nativos do idioma inglês. Este grupo mostrou um índice menor de inteligibilidade (60%), porém este índice foi baixo em palavras muito específicas, e não no contexto geral, o que pode dar margem para outras discussões.

Um dos fatos importantes da pesquisa é que o índice de falta de inteligibilidade, como já era previsto, é diretamente proporcional ao nível de proficiência dos falantes brasileiros participantes das gravações. Está muito claro que, quanto maior a proficiência, melhor é a qualidade da pronúncia e, conseqüentemente, maior a inteligibilidade das frases.

Isto foi tão marcante que, em certo momento, a frase dita pela aluna brasileira C2 - que não participou da análise dos dados por não possuir palavras terminadas em *ed*, servindo apenas como distrator - foi muitas vezes apontada como uma frase gravada por um falante nativo, pelos 3 grupos de ouvintes. Este dado mostra que Gomes (2010) está certa em afirmar que um foco fonético durante a instrução da língua inglesa para brasileiros é importante, independente do modelo que será utilizado (americano ou britânico).

Outro ponto que deve ser levado em consideração é a frequência dos verbos. Gomes (2009) aponta em sua pesquisa que um dos fatores a ser considerados na análise da produção de epêntese vocálica, é a frequência com a qual estas palavras são apresentadas aos aprendizes da língua inglesa. A pesquisa mostrou que o índice de compreensão também foi diretamente proporcional à frequência das palavras e que o maior número de quebras na comunicação, ocorreu em palavras menos frequentes.

Na realidade, em todos os grupos, somente algumas palavras específicas causaram os maiores problemas de inteligibilidade, sendo elas: *wanted*, *touched* e *concerned*, talvez pelo fato de serem, as duas últimas, palavras menos frequentes e, por isso, mais sujeitas à produção da epêntese. Entretanto, a quebra de comunicação ocorreu de formas distintas nas três palavras e nenhuma delas pareceu ser realmente devido à produção de tal fenômeno pelo falante brasileiro.

A palavra *wanted* foi a que mais notavelmente teve problemas de inteligibilidade devido ao morfema *ed*. Mas, ao contrário do que se previa, a maioria dos participantes da pesquisa que não tiveram uma compreensão total, ao ouvir a palavra, a transcreveu sem colocar o *ed* no final.

Gomes (2009) cita a pesquisa de Pinker (2000) que fala sobre a produção fonética do morfema *ed*. Segundo ele o sufixo que forma o passado em inglês é /d/, mas quando existe um grupo consonantal no final da sílaba, um ajuste na configuração da última consoante é feito para que haja consistência com o seu "vizinho" da esquerda. Por isso, quando existe a necessidade do morfema *ed* para um verbo terminado em consoante não vozeada, o /d/ transforma-se em /t/. Quando um verbo é terminado em /t/ ou /d/, por existir uma regra que separa consoantes similares, o som produzido deverá ser o /ɪd/, ou seja, a epêntese é necessária.

O que ocorreu na gravação da falante que utilizou a palavra *wanted* foi uma não produção da epêntese necessária, segundo a regra descrita acima. Isso fez com que os ouvintes não compreendessem a palavra na íntegra.

Quando analisados os resultados referentes à palavra *touched*, outra parte importante do LFC deve ser levada em consideração: a qualidade vocálica. Como visto anteriormente, Jenkins (2000) considera que a qualidade vocálica não é fator predominante para a quebra de comunicação e, por isso, não seria necessário um foco específico quando da instrução fonética por parte dos professores de inglês. No entanto, os resultados deste trabalho mostram que, o principal motivo pela falta de compreensão da palavra *touched* ocorreu pelo uso de vogal de outra qualidade pelo falante, o que fez com que os ouvintes (principalmente os integrantes do G3) entendessem uma outra palavra.

Na gravação, a falante de nível A1 que utiliza a palavra *touched*, a pronuncia como [tɒʊtʃɪd] ao invés de [tʌtʃt], ou seja, além de produzir a epêntese vocálica, utiliza-se de uma vogal diferente no início da palavra. Um grande número de ouvintes, porém, compreendeu a palavra *tortured*, que também leva o morfema *ed*. Isso demonstra que não foi a epêntese vocálica a causadora da quebra de comunicação, e sim, a pronúncia errônea da vogal,

pois, *tortured* ([tɔ:rtʃərd]) possui uma vogal similar à produzida pela falante.

Finalmente, quando analisados os dados referentes à palavra *concerned*, outro ponto do LFC deve ser considerado. Este seria a tonicidade de palavras (*word stress*). Jenkins (2000, p.151) menciona que: "o ensino em grande escala de acento de palavras é impraticável e, mesmo que fosse, não é crucial para a inteligibilidade de palavras individuais na interlíngua." (tradução do autor)³. No entanto, os resultados deste trabalho mostram que um acento errôneo na pronúncia da palavra *concerned* pelo falante de nível B1 causou não só uma troca de palavras pelos participantes da pesquisa, mas também uma incompreensão total da palavra, principalmente pelos participantes do G3. Ao pronunciá-la, o acento tônico foi dado no começo da palavra, isto é, *CONcerned* e não *conCERNed*, como seria o correto. Este equívoco fez com que muitos ouvintes compreendessem palavras como *closer*, *confident* (resposta de três ouvintes) e, até mesmo, *quality*. Todas estas palavras possuem tonicidade inicial e não final (*CLOser*, *CONfident*, *QUALity*). Através desses resultados, é possível concluir que o acento tônico foi fundamental para a falta de inteligibilidade da falante o que indica que, talvez, um foco pedagógico mais apurado seja realmente necessário para que falhas similares não aconteçam no futuro.

Um ponto curioso desta pesquisa foi quando se analisaram os resultados obtidos nas reações dos ouvintes aos falantes nativos. A princípio, com a falsa ideia de que eles possuem a pronúncia "perfeita", existia a crença de que seriam facilmente compreendidos por todos os integrantes dos 3 grupos. Contudo, não foi realmente o que aconteceu.

Com relação à falante americana (ANS), 80% dos ouvintes do G2 (brasileiros) e 50% dos ouvintes do G3 (estrangeiros não nativos) não conseguiram perceber o morfema *ed* na palavra *seemed* dita por ela. Isto mostra que, novamente ao contrário do que diz Jenkins (2000), falantes de inglês como língua internacional não se atêm somente à parte fonética das

³ "The full-scale teaching of word stress is not feasible and even if it were, it is not crucial to the intelligibility of individual words in ILT."

palavras e que o contexto e conhecimento gramatical sim possuem influência na comunicação.

Tanto possuem que a grande maioria escreveu a palavra *seems* mesmo que a letra "s" não tenha sido pronunciada. Apesar de não estar presente na palavra, todos os participantes seguiram a regra gramatical que diz que é necessária a inserção do "s" na conjugação de verbos na terceira pessoa do singular no presente simples do inglês. Isto demonstra que, para que a palavra *seemed* fosse compreendida na íntegra, um contexto maior seria necessário. Este fenômeno ocorreu também com os integrantes do G1 (porém, em menor escala - 30%) que também são nativos do inglês. Isto quer dizer que até mesmo os próprios falantes totalmente proficientes da língua muitas vezes confiam no contexto para compreender as palavras.

Já o modelo gravado pela falante britânica (BNS) teve um índice muito maior de ininteligibilidade e, agora sim, pelos integrantes de todos os grupos de maneira muito similar. A falta de inteligibilidade ocorreu em 70% dos integrantes do G1, 70% do G2 e 50% do G3. Contudo, foi realmente muito complicado chegar-se a uma conclusão para tal. O que pode ter ocorrido, possivelmente, foi uma influência do sotaque britânico. A palavra com *ed* utilizada na frase da BNS foi *called*, coincidentemente a mesma utilizada pela falante brasileira de nível A2. Porém, a segunda foi totalmente compreendida, por isso não se pode dizer que era uma palavra desconhecida dos ouvintes.

Outra hipótese para a não compreensão pode ser novamente o contexto. A frase dita pela BNS era a seguinte: "*So I called out from my car*", muitos dos ouvintes podem não tê-la compreendido, pois a frequência de uso da palavra *called* neste contexto é muito menor do que no contexto utilizado pela A2 ("*She called me to ask if I wanted to help her*").

Após todas estas análises minuciosas dos resultados obtidos na primeira parte da pesquisa, foi possível chegar à conclusão de que Jenkins está certa, ao sugerir no seu LFC, que a adição de uma vogal epentética, nos casos analisados nesta pesquisa, não traria influências negativas e, até mesmo, poderia auxiliar na compreensão das palavras terminadas em encontros consonantais (*clusters*). E que, inclusive, o não uso da epêntese necessária, como no caso da palavra *wanted*, causa problemas de inteligibilidade.

A segunda parte da pesquisa mostra alguns resultados curiosos no que se refere à percepção de sotaque dos falantes de inglês como língua franca. Contudo, não há formas de relacionar se os resultados obtidos estão ligados diretamente à produção da epêntese pelos brasileiros.

O que ficou bem claro, novamente, foi que o sotaque está diretamente relacionado ao nível de proficiência dos falantes, isto é, os ouvintes julgaram que as pessoas com os níveis mais baixos de proficiência na língua possuíam sotaques mais marcantes na língua. Como mencionado por Munro & Derwing (1995) isto pode trazer uma influência negativa para estes indivíduos, pois ainda existe uma discriminação muito grande por parte, principalmente, dos falantes nativos pelas as pessoas com sotaque estrangeiro marcante. No entanto, é necessário recordar o que diz Jenkins (2000) que, num contexto de inglês como língua internacional, a maneira característica de cada povo ao se falar esta língua, possui pouca relevância para a inteligibilidade e é até mesmo benéfica em alguns casos. Os próprios Munro & Derwing (1995) citam que até o presente nenhuma pesquisa mostra uma relação concreta entre sotaque e ininteligibilidade.

O que também pode ser observado foi o fato de muitos dos componentes do G1 não terem classificado a falante BNS como *no foreign accent* (sem sotaque estrangeiro). Novamente, o que pode ter ocorrido foi uma má interpretação da escala utilizada para a medição do nível de sotaque. Como 9 dos 10 participantes do G1 eram americanos, muitos deles classificaram a falante britânica como *mild accent* e até mesmo como *moderate accent*. O sotaque britânico da falante é realmente muito marcante e característico, ou seja, é explicitamente claro que se trata de uma falante nativa de inglês. Contudo, a escala não aponta a expressão: "falante nativo" e sim "sem sotaque estrangeiro". Para um americano, australiano, canadense, etc., um britânico é sim estrangeiro bem como a sua forma típica de falar. Para um americano, uma pessoa com o sotaque britânico marcante, possui sim um sotaque que pode até ser considerado, por eles, como *very strong accent* (sotaque muito forte).

Já membros dos outros grupos foram mais consistentes em relação à falante BNS. Ficou claro que muitos compreenderam os termos utilizados na escala e classificaram a falante britânica como sem sotaque estrangeiro. Isto pode ter ocorrido, também, pelo fato de que os integrantes do G2 estão muito

habitados à maneira britânica de se falar o inglês, pois a o material didático utilizado na instrução a eles dada em seu curso de idiomas é focado no RP, isto é, no inglês padrão britânico.

A justificativa pela boa avaliação da BNS pelos integrantes do G3 pode vir do fato de que a grande maioria dos integrantes deste grupo é composta de europeus, ou seja, a influência do inglês proveniente do Reino Unido é muito maior do que aquele proveniente dos Estados Unidos da América.

Outro ponto forte desta parte da pesquisa foi como os falantes brasileiros tiveram os seus níveis de sotaque apontados como muito fortes, pelos próprios brasileiros (G2). Isto demonstra como o grau de exigência, e talvez, até mesmo de discriminação com relação ao sotaque, pode existir entre pessoas falantes da mesma língua materna. Isto pode ser que ocorra ainda devido a cultura de que o sotaque perfeito a ser buscado é o sotaque nativo e, por isso, a comparação é inevitável. Isto nos remete novamente ao estudo de Munro & Derwing (1995).

Os cursos de inglês no Brasil, mesmo cientes dos avanços da globalização, parecem ainda não dar o foco necessário, em seus métodos de ensino e na escolha de seus guias didáticos, para o inglês como língua internacional. O Inglês como língua estrangeira (EFL) ainda é carro chefe e, a comunicação para com falantes nativos, ainda é o principal objetivo a ser alcançado.

Os níveis de sotaque apontados pelo G3, todavia, foram os mais diversos. Muitos apontaram brasileiros como sem sotaque estrangeiro, como foi o caso da frase do falante C2 (que não utilizado para a pesquisa de inteligibilidade com *ed*). Este foi considerado por 90% dos integrantes do G3 como sem sotaque estrangeiro, o que mostra que a proficiência elevada pode trazer a falsas impressões. Muitos nativos, porém, tiveram avaliações mais baixas pelos integrantes deste grupo, por isso as conclusões não são muito precisas. O que podemos ter certeza é que o sotaque não interferiu na inteligibilidade das frases, porém trouxe alguns momentos de distração no momento da pesquisa, através de reações como risos e comentários paralelos.

Os falantes estrangeiros, não nativos, parecem estar menos preocupados com o nível de sotaque dos brasileiros, talvez pelo fato de que

estejam cientes de que eles próprios possuem o sotaque característico de sua língua materna no inglês.

Para concluir esta discussão, é muito importante deixar claro que, apesar dos resultados obtidos neste trabalho terem sido bastante satisfatórios e conclusivos, várias outras pesquisas na área devem ser conduzidas para comprovar a real eficácia do LFC no que diz respeito a falantes brasileiros. Muitas características marcantes dos falantes nativos de português brasileiro podem trazer grandes desafios no entendimento da língua inglesa quando por eles utilizada e toda e qualquer nova conclusão será de grande valia para o ensino deste idioma no futuro.

É importante também concluir que a hipótese levantada no começo deste trabalho de que a epêntese vocálica traria algum efeito negativo à inteligibilidade dos brasileiros, foi desmentida pelos resultados obtidos pela pesquisa de campo. Contudo, os mesmos resultados abriram precedentes para que pesquisas sobre a confiabilidade de outros pontos do LFC sejam realizadas.

8. CONCLUSÃO

A necessidade de comunicação entre povos de diferentes idiomas maternos é cada vez mais uma realidade na atualidade e os desafios para que estas comunicações se tornem efetivas vêm aumentando gradativamente à medida que o tempo passa e os brasileiros não podem ficar alheios a elas.

Quando se trata do uso do inglês como língua internacional, há muito ainda a se pesquisar para que se possa chegar a uma conclusão final de como esta nova vertente linguística irá afetar o ensino e o aprendizado de línguas no país. A inteligibilidade do inglês falado pelos brasileiros é uma das vertentes de pesquisa que ainda tem muito a ser descoberto, principalmente em relação à parte fonética e fonológica.

A principal conclusão que este trabalho chega é que, apesar dos falantes brasileiros possuírem uma característica específica ao falar as palavras terminadas com o morfema *ed*, não seria esta a causa principal para a falta de inteligibilidade, apesar de sim ter algum tipo de influência menos proeminente. E que, talvez, seja até melhor que a epêntese vocálica seja produzida do que o apagamento do *ed* quando este tornar-se muito difícil de ser pronunciado.

No entanto, outras características devem ser focadas pelos instrutores da língua inglesa, como a pronúncia correta das vogais e a marcação precisa do acento tônico das palavras.

Quanto à forma de se falar uma língua, é possível afirmar que não será um sotaque mais ou menos marcante que irá causar possíveis problemas de inteligibilidade para os seus falantes e, por isso, não deve ser o principal foco no ensino do inglês como língua internacional. Apesar de ainda haver muita discriminação por parte das pessoas que se dizem proficientes na língua inglesa, está provado, não só por este trabalho, mas também pela literatura em geral que é muito melhor que o tempo em sala de aula seja aproveitado em atividades comunicativas e de fonética especificamente do que em diminuição do sotaque em si.

O que realmente se espera é que novas pesquisas sejam realizadas neste sentido, principalmente na parte de fonética e fonologia, para que cada vez mais os brasileiros possam usufruir de metodologias e materiais didáticos

mais eficientes, pois isto irá contribuir de forma efetiva no avanço técnico e, até mesmo, cultural de nosso país.

REFERÊNCIAS

ALVES, Ubiratã K. **O papel da Instrução Explícita na Aquisição Fonológica de Inglês como L2: Evidências Fornecidas pela Teoria da Otimidade.** Dissertação de Mestrado. Universidade Católica de Pelotas, 2004.

BECKER, Márcia Regina. **ELF: Inglês como língua franca.** Anais do 1º Simpósio de reflexões sobre as metodologias e práticas de ensino de língua estrangeiras modernas. Eletras, vol.19, n.19, 2009.

CRUZ, Neide Cesar. **Inteligibilidade de pronúncia no contexto de inglês como língua internacional.** Revista Intercâmbio, volume XV. São Paulo: LAEL/PUC-SP, 2006.

CRYSTAL, David. **English as a Global Language.** Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

DELATORRE, Fernanda. **Brazilians EFL Learners. Production of Vowel Epenthesis in Words Ending in .ed.** Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

FERNANDES, Renata K. M. **A inteligibilidade de pronúncia das palavras terminadas em -ed por falantes de inglês não nativos.** Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas. Universidade de Évora, Lisboa, Portugal, 2010.

FERNANDES, Renata K. M. **Inteligibilidade e inglês como língua internacional. Um estudo de caso da pronúncia de palavras em -ed produzidas por falantes brasileiros.** Dissertação de Mestrado. Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal, 2009.

FRESE, Rudinei A. **The Relation between Perception and Production of Words Ending in .ed by Brazilian EFL Learners.** Unpublished Master Thesis. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

GOMES, Maria Lúcia de Castro. **Uma reflexão sobre o inglês como língua franca e os novos rumos para o ensino de pronúncia com a linguística probabilística.** Anais do IX Encontro do CELSUL. Universidade do Sul de Santa Catarina, Palhoça - SC, 2010.

GOMES, Maria Lúcia de Castro. **A produção de palavras do inglês com o morfema -ed por falantes brasileiros: uma visão dinâmica.** Tese de Doutorado. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009.

GOMES, Maria Lúcia de Castro. **The production of words with the morpheme -ed by Brazilian speakers of English as a Foreign Language.** *New Sounds 2007: Proceedings of the Fifth International Symposium on the Acquisition of Second Language Speech.* Brasil: Universidade Federal de Santa Catarina, 2008.

GRADDOL, David. **English Next: Why global English may mean the end of 'English as a Foreign Language'**. Disponível em <www.britishcouncil.org/learning-research>. Acesso em 10 de março de 2013.

JENKINS, Jeniffer. **The Phonology of English as an International Language**, Oxford: Oxford University Press, 2000.

KENWORTHY, Joanne. **Teaching English Pronunciation.** Harlow: Longman, 1987.

KOERICH, Rosana D. **Perception and Production of Word-Final Vowel Epenthesis by Brazilian EFL Students**, Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.

MUNRO, Murray J., Derwing, Tracey M., & Holtby, Amy K. **Evaluating individual variability in foreign accent comprehension.** In. J. Levis & K. LeVelle (Eds.). *Proceedings of the 3rd Pronunciation in Second Language Learning and Teaching Conference.* (pp. 233-239), Ames, IA: Iowa State University, 2011.

MUNRO, Murray. J. **Intelligibility: Buzzword or buzzworthy?** In. J. Levis & K. LeVelle (Eds.). *Proceedings of the 2nd Pronunciation in Second Language Learning and Teaching Conference.* (pp.7-16), Ames, IA: Iowa State University, 2010.

MUNRO, Murray J.; DERWING, Tracey M. **Foreign Accent, Comprehensibility, and Intelligibility in the Speech of Second Language Learners.** *Language Learning*, 1999, Vol.49, pp.285-310.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. **The Soft Ideological Underbelly of the Notion of Intelligibility in Discussions about 'World Englishes.'** *Applied Linguistics*, 31, 465-470, 2010.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. **The concept of 'World English' and its implications for ELT.** *ELT Journal*, vol.58(2), pp. 111-117, 2004.

ROBERSON, Audrey. **Analyzing comprehensibility among non-native speakers of English: The effect of listener first language background.** In. J. Levis & K. LeVelle (Eds.). *Proceedings of the 3rd Pronunciation in Second Language Learning and Teaching Conference.* (pp. 240-248). Ames, IA: Iowa State University, 2011.

WALKER, Robin. **Teaching the pronunciation of English as a lingua franca.** Oxford: Oxford University Press, 2010.

APÊNDICES

APÊNDICE I - TERMO DE CONSENTIMENTO EM PARTICIPAÇÃO VOLUNTÁRIA NA PESQUISA



TEST OF ENGLISH INTELLIGIBILITY

Dear student,

Thank you for your interest in our research. By taking this test, you will be participating in an important study that will potentially help English teaching professionals improve existing teaching methods of phonetics and phonology. By signing below, you agree that you understand the following (please check the box [] that you understand):

- you are voluntarily participating in this research;
- your name will remain anonymous;
- your personal information will not be shared without your consent;
- your participation in this study will **not** affect your normal studies or your grade at the institution in which this test is being administered;
- you may choose to stop your participation in this study at any time.
- YES, I AGREE:

_____ (signature) _____ (date)

No, I do not wish to participate.

Thank you for your time and consideration

With sincere regards,



 Roberto Jardim Riella - IX CELEM - UTFPR

APÊNDICE II - FORMULÁRIO UTILIZADO PELOS PARTICIPANTES DA PESQUISA

What's your nationality? _____ What's your native language? _____
 Are you familiar with Brazilians speaking English? Yes No

A. Write exactly what you think each speaker has said.

SPEAKER	SENTENCE
1	
2	
3	
4	
5	
6	
7	
8	
9	
10	

B. Rate each sentence according to the speaker's accent.

(1) no foreign accent (2) mild accent (3) moderate accent (4) strong accent (5) very strong accent

SPEAKER	SENTENCE	NO FOREIGN ACCENT	MILD ACCENT	MODERATE ACCENT	STRONG ACCENT	VERY STRONG ACCENT
1	I traveled to Las Vegas on vacation.	1	2	3	4	5
2	But I never played cards in Las Vegas.	1	2	3	4	5
3	I passed a woman beside the road.	1	2	3	4	5
4	I slowed down and pulled up behind her.	1	2	3	4	5
5	I went over to her car.	1	2	3	4	5
6	Do you have a car jack and a spare tire in the back of your car?	1	2	3	4	5
7	We headed to town and talked to the police.	1	2	3	4	5
8	I fell in love with her.	1	2	3	4	5
9	So I looked after my family alone.	1	2	3	4	5
10	They all learned to read and write.	1	2	3	4	5

THANK YOU!!!

APÊNDICE III - FORMULÁRIO UTILIZADO PELOS PARTICIPANTES DA PESQUISA COM RESPOSTAS

Are you American Brazilian Other _____
 Are you familiar with Brazilians speaking English? Yes No

A. Write exactly what you think each speaker has said.

SPEAKER	SENTENCE	LEVEL
1	This seemed like the right thing to do.	ANS
2	So I called out from my car.	BNS
3	That was the luckiest trip of my life.	C2
4	We've changed the tire.	C1
5	She begged her husband to do the same.	B2
6	Bad figures made me even more tired.	B2
7	She loved him and was concerned about his health.	B1
8	She called me to ask if I wanted to help her.	A2
9	Suddenly somebody touched her arm.	A1
10	Actually she was in love with him.	A1

B. Rate each sentence according to the speaker's accent.

(1) no foreign accent (2) mild accent (3) moderate accent (4) strong accent (5) very strong accent

SPEAKER	SENTENCE	NO FOREIGN ACCENT	MILD ACCENT	MODERATE ACCENT	STRONG ACCENT	VERY STRONG ACCENT	LEVEL
1	I traveled to Las Vegas on vacation.	1	2	3	4	5	ANS
2	But I never played cards in Las Vegas.	1	2	3	4	5	A1
3	I passed a woman beside the road.	1	2	3	4	5	A2
4	I slowed down and pulled up behind her.	1	2	3	4	5	C1
5	I went over to her car.	1	2	3	4	5	C2
6	Do you have a car jack and a spare tire in the back of your car?	1	2	3	4	5	B2
7	We headed to town and talked to the police.	1	2	3	4	5	B1
8	I fell in love with her.	1	2	3	4	5	B1
9	So I looked after my family alone.	1	2	3	4	5	B2
10	They all learned to read and write.	1	2	3	4	5	BNS

THANK YOU!!!

APÊNDICE IV – FORMULÁRIOS COM AS TRANSCRIÇÕES DE TODOS OS PARTICIPANTES

Are you American Brazilian Other _____
 Are you familiar with Brazilians speaking English? Yes No

A. Write exactly what you think each speaker has said.

SPEAKER	SENTENCE
1	^{seemed} This seems like the right thing to do.
2	Hy con da de maka; +
3	that was the luckiest trip of my life.
4	We <u>changing</u> the tire.
5	She begged the ^{her} husband to do the same.
6	my favorite meley meley tired.
7	She loved him and was about ^{about} his home.
8	She called me ^{to} and called ^{to} ask if I want to ^{to} help her.
9	Suddenly somebody touched her arm.
10	Actually she was in love in him.

B. Rate each sentence according to the speaker's accent.

(1) no foreign accent (2) mild accent (3) moderate accent (4) strong accent (5) very strong accent

SPEAKER	SENTENCE	NO FOREIGN ACCENT	MILD ACCENT	MODERATE ACCENT	STRONG ACCENT	VERY STRONG ACCENT
1	I traveled to Las Vegas on vacation.	(1)	2	3	4	5
2	But I never played cards in Las Vegas.	1	2	(3)	4	5
3	I passed a woman beside the road.	1	2	3	(4)	5
4	I slowed down and pulled up behind her.	1	(2)	3	4	5
5	I went over to her car.	(1)	2	3	4	5
6	Do you have a car jack and a spare tire in the back of your car?	1	2	(3)	4	5
7	We headed to town and talked to the police.	1	2	3	4	(5)
8	I fell in love with her.	1	(2)	3	4	5
9	So I looked after my family alone.	1	2	3	(4)	5
10	They all learned to read and write.	1	(2)	3	4	5

C. Compare the same question asked by two speakers. Is there any difference (in meaning or context)? *Inflection on #1 sounded really good. #2 sounded.*

D. QUESTION: Where did all this money come from? *too long. - I prefer #1 - it was more direct.*

THANK YOU!!!

Are you American Brazilian Other _____
 Are you familiar with Brazilians speaking English? Yes No

A. Write exactly what you think each speaker has said.

SPEAKER	SENTENCE
1	This <u>seems</u> like the right thing to do
2	So - - - - -
3	That was the <u>best</u> trip of my life
4	We've <u>changed</u> the time
5	She <u>begged</u> her husband to husband to
6	My <u>fears</u> make me even more <u>tired</u>
7	She <u>loved</u> him & was <u>confident</u> about
8	She <u>called</u> to me to ask if I want to help her
9	Suddenly somebody <u>touches</u> her arm
10	Actually she was in love with him

do the same

his health

B. Rate each sentence according to the speaker's accent.

SPEAKER	SENTENCE	(1) no foreign accent (2) mild accent (3) moderate accent (4) strong accent (5) very strong accent				
		NO FOREIGN ACCENT	MILD ACCENT	MODERATE ACCENT	STRONG ACCENT	VERY STRONG ACCENT
1	I traveled to Las Vegas on vacation.	1	2	3	4	5
2	But I never played cards in Las Vegas.	1	2	3	4	5
3	I passed a woman beside the road.	1	2	3	4	5
4	I slowed down and pulled up behind her.	1	2	3	4	5
5	I went over to her car.	1	2	3	4	5
6	Do you have a car jack and a spare tire in the back of your car?	1	2	3	4	5
7	We headed to town and talked to the police.	1	2	3	4	5
8	I fell in love with her.	1	2	3	4	5
9	So I looked after my family alone.	1	2	3	4	5
10	They all learned to read and write.	1	2	3	4	5

C. Compare the same question asked by two speakers. Is there any difference (in meaning or context)?

D. QUESTION: Where did all this money come from?

The first speaker was asking in a shocked tone
 The second speaker only asks a question. The first speaker is more familiar with natural English diction. THANK YOU!!!

Are you American Brazilian Other _____
 Are you familiar with Brazilians speaking English? Yes No

A. Write exactly what you think each speaker has said.

SPEAKER	SENTENCE
1	This seemed like the right thing to do
2	jo - my cub
3	That was the luckiest trip of my life.
4	we've changed the tire.
5	She <u>b.</u> her husband to the sea.
6	My fever's made me even more tired
7	She loved him and was <u>about</u> his health
8	she called me to ask me if I wanted to help
9	Suddenly somebody touched her arm
10	Actually she was in love with him.

B. Rate each sentence according to the speaker's accent.

(1) no foreign accent (2) mild accent (3) moderate accent (4) strong accent (5) very strong accent

SPEAKER	SENTENCE	NO FOREIGN ACCENT	MILD ACCENT	MODERATE ACCENT	STRONG ACCENT	VERY STRONG ACCENT
1	I traveled to Las Vegas on vacation.	1	2	3	4	5
2	But I never played cards in Las Vegas.	1	2	3	4	5
3	I passed a woman beside the road.	1	2	3	4	5
4	I slowed down and pulled up behind her.	1	2	3	4	5
5	I went over to her car.	1	2	3	4	5
6	Do you have a car jack and a spare tire in the back of your car?	1	2	3	4	5
7	We headed to town and talked to the police.	1	2	3	4	5
8	I fell in love with her.	1	2	3	4	5
9	So I looked after my family alone.	1	2	3	4	5
10	They all learned to read and write.	1	2	3	4	5

C. Compare the same question asked by two speakers. Is there any difference (in meaning or context)?

D. QUESTION: Where did all this money come from?

The emphasis on "from". The first sounds shocked and the second sounds a bit more concerned.

THANK YOU!!!

Are you American Brazilian Other _____
 Are you familiar with Brazilians speaking English? Yes No

A. Write exactly what you think each speaker has said.

SPEAKER	SENTENCE
1	this seems like the right thing to do.
2	_____ out from my car.
3	That was the luckiest trip of my life.
4	We've changed the time.
5	she begged her husband to do the same.
6	my fears made me even more tired.
7	she loved him and was closer than about
8	She called me to ask if I wanted to help her.
9	she ^{suddenly} somebody touched her arm
10	actually she was in love with him.

B. Rate each sentence according to the speaker's accent.

(1) no foreign accent (2) mild accent (3) moderate accent (4) strong accent (5) very strong accent

SPEAKER	SENTENCE	NO FOREIGN ACCENT	MILD ACCENT	MODERATE ACCENT	STRONG ACCENT	VERY STRONG ACCENT
1	I traveled to Las Vegas on vacation.	(1)	2	3	4	5
2	But I never played cards in Las Vegas.	1	(2)	3	4	5
3	I passed a woman beside the road.	1	2	3	(4)	5
4	I slowed down and pulled up behind her.	1	(2)	3	4	5
5	I went over to her car.	(1)	2	3	4	5
6	Do you have a car jack and a spare tire in the back of your car?	1	(2)	3	4	5
7	We headed to town and talked to the police.	1	2	3	(4)	5
8	I fell in love with her.	1	2	(3)	4	5
9	So I looked after my family alone.	1	(2)	3	4	5
10	They all learned to read and write.	(1)	2	3	4	5

C. Compare the same question asked by two speakers. Is there any difference (in meaning or context)?


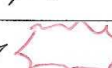
D. QUESTION: Where did all this money come from?

there is a ~~question~~ difference, the first speaker doesn't have a strong accent, opposed to the second speaker who does. The major difference is when they said "this".

THANK YOU!!!

Are you American Brazilian Other _____
 Are you familiar with Brazilians speaking English? Yes No

A. Write exactly what you think each speaker has said.

SPEAKER	SENTENCE
1	<i>It <u>seem</u> the right thing to do.</i>
2	<i>X</i>
3	<i>that was the lucky strick of my life.</i>
4	<i>We've <u>change</u> of the</i>
5	<i>she <u>beg</u> her husband to do the same</i>
6	<i>more <u>fixed</u>.</i>
7	<i>she <u>loved</u> him ask </i>
8	<i>she <u>called</u> me to help. me to help her.</i>
9	<i>suddenly somebody  her arm.</i>
10	<i>actually she was in love with him.</i>

B. Rate each sentence according to the speaker's accent.

(1) no foreign accent (2) mild accent (3) moderate accent (4) strong accent (5) very strong accent

SPEAKER	SENTENCE	NO FOREIGN ACCENT	MILD ACCENT	MODERATE ACCENT	STRONG ACCENT	VERY STRONG ACCENT
1	I traveled to Las Vegas on vacation.	①	2	3	4	5
2	But I never played cards in Las Vegas.	1	②	3	4	5
3	I passed a woman beside the road.	1	2	3	④	5
4	I slowed down and pulled up behind her.	1	②	3	4	5
5	I went over to her car.	①	2	3	4	5
6	Do you have a car jack and a spare tire in the back of your car?	1	②	3	4	5
7	We headed to town and talked to the police.	1	2	3	④	5
8	I fell in love with her.	1	②	3	4	5
9	So I looked after my family alone.	1	2	3	④	5
10	They all learned to read and write.	1	②	3	4	5

C. Compare the same question asked by two speakers. Is there any difference (in meaning or context)? *there was no difference between the two speakers.*

D. QUESTION: Where did all this money come from?

the question was clear and understandable

THANK YOU!!!

Are you American Brazilian Other Australian
 Are you familiar with Brazilians speaking English? Yes No

A. Write exactly what you think each speaker has said.

SPEAKER	SENTENCE
1	This seemed like the right thing to do (US)
2	So I called out from my car (US)
3	that was the luckiest trip of my life (BR)
4	We've changed the tyre (BR)
5	She begged her husband to do the same (BR)
6	My fears made me even more timid (BR)
7	She loved him & was concerned about his health (BR)
8	She called me to ask if I wanted to help her (BR)
9	Suddenly somebody touched her arm (BR)
10	Actually she was in love with him (BR)

B. Rate each sentence according to the speaker's accent.

(1) no foreign accent (2) mild accent (3) moderate accent (4) strong accent (5) very strong accent

SPEAKER	SENTENCE	NO FOREIGN ACCENT	MILD ACCENT	MODERATE ACCENT	STRONG ACCENT	VERY STRONG ACCENT
1	I traveled to Las Vegas on vacation.	①	2	3	4	5
2	But I never played cards in Las Vegas.	1	2	③	4	5
3	I passed a woman beside the road.	1	2	3	④	5
4	I slowed down and pulled up behind her.	1	②	3	4	5
5	I went over to her car.	①	2	3	4	5
6	Do you have a car jack and a spare tire in the back of your car?	1	②	3	4	5
7	We headed to town and talked to the police.	1	2	③	4	5
8	I fell in love with her.	1	2	3	④	5
9	So I looked after my family alone.	1	2	③	4	5
10	They all learned to read and write.	①	2	3	4	5

C. Compare the same question asked by two speakers. What do you think the context is?

QUESTION: **Where did all this money come from?**

SPEAKER 1: implies there's a lot of money & they are surprised by it all

SPEAKER 2: more emphasis is placed on where the money came from, not so much the money!

THANK YOU!!!

Are you American Brazilian Other _____
 Are you familiar with Brazilians speaking English? Yes No

A. Write exactly what you think each speaker has said.

SPEAKER	SENTENCE
1	This <u>seemed</u> like the right thing to do.
2	So I <u>crawled</u> out from my car.
3	That was the luckiest trip of my life.
4	We've <u>changed</u> the tire.
5	She <u>begged</u> her husband to do the same.
6	_____ made me even more <u>tired</u> .
7	She <u>loved</u> him and was <u>concerned</u> about his health.
8	She <u>called</u> me to ask if I <u>wanted</u> to help her.
9	Suddenly, somebody <u>touch</u> ed her arm.
10	Actually, she was in love with him

B. Rate each sentence according to the speaker's accent.

(1) no foreign accent (2) mild accent (3) moderate accent (4) strong accent (5) very strong accent

SPEAKER	SENTENCE	NO FOREIGN ACCENT	MILD ACCENT	MODERATE ACCENT	STRONG ACCENT	VERY STRONG ACCENT
1	I traveled to Las Vegas on vacation.	①	2	3	4	5
2	But I never played cards in Las Vegas.	1	2	③	4	5
3	I passed a woman beside the road.	1	2	3	4	⑤
4	I slowed down and pulled up behind her.	1	②	3	4	5
5	I went over to her car.	①	2	3	4	5
6	Do you have a car jack and a spare tire in the back of your car?	1	2	③	4	5
7	We headed to town and talked to the police.	1	2	3	④	5
8	I fell in love with her.	1	2	3	④	5
9	So I looked after my family alone.	1	2	③	4	5
10	They all learned to read and write.	①	2	3	4	5

C. Compare the same question asked by two speakers. Is there any difference (in meaning or context)?

D. QUESTION: Where did all this money come from?

THANK YOU!!!

Are you American Brazilian Other _____
 Are you familiar with Brazilians speaking English? Yes No

A. Write exactly what you think each speaker has said.

SPEAKER	SENTENCE
1	This seemed like the right thing to do.
2	So I <u>scrawled</u> out from my car.
3	That was the luckiest trip of my life.
4	We've <u>changed</u> the time tire.
5	She <u>begged</u> her husband to do the same.
6	My ? made me even more <u>tired</u> .
7	She <u>loved</u> him and was <u>concerned</u> about his health.
8	She <u>called</u> me to ask me if I <u>wanted</u> to help her.
9	Suddenly somebody <u>touch</u> ed her arm.
10	Actually she was in love with him.

B. Rate each sentence according to the speaker's accent.

(1) no foreign accent (2) mild accent (3) moderate accent (4) strong accent (5) very strong accent

SPEAKER	SENTENCE	NO FOREIGN ACCENT	MILD ACCENT	MODERATE ACCENT	STRONG ACCENT	VERY STRONG ACCENT
1	I traveled to Las Vegas on vacation.	①	2	3	4	5
2	But I never played cards in Las Vegas.	1	2	③	4	5
3	I passed a woman beside the road.	1	2	3	4	⑤
4	I slowed down and pulled up behind her.	1	②	3	4	5
5	I went over to her car.	①	2	3	4	5
6	Do you have a car jack and a spare tire in the back of your car?	1	②	3	4	5
7	We headed to town and talked to the police.	1	2	3	4	⑤
8	I fell in love with her.	1	②	3	4	5
9	So I looked after my family alone.	1	②	3	4	5
10	They all learned to read and write.	1	2	③	4	5

C. Compare the same question asked by two speakers. Is there any difference (in meaning or context)?

D. QUESTION: Where did all this money come from?

THANK YOU!!!

Are you American Brazilian Other _____
 Are you familiar with Brazilians speaking English? Yes No

A. Write exactly what you think each speaker has said.

SPEAKER	SENTENCE
1	This <u>seemed</u> like the right thing to do.
2	So I <u>called</u> out for my car.
3	That was the luckiest trip of my life.
4	We've <u>changed</u> the tire.
5	She <u>begged</u> her husband to do the same.
6	My fever has made me even more <u>tired</u> .
7	She <u>loved</u> him & was <u>concerned</u> about his ^{health} .
8	She <u>called</u> to me to ask if I ^{want to} would help her.
9	Suddenly somebody <u>tortured</u> her arm.
10	Actually, she was in love with him.

B. Rate each sentence according to the speaker's accent.

(1) no foreign accent (2) mild accent (3) moderate accent (4) strong accent (5) very strong accent

SPEAKER	SENTENCE	NO FOREIGN ACCENT	MILD ACCENT	MODERATE ACCENT	STRONG ACCENT	VERY STRONG ACCENT
1	I traveled to Las Vegas on vacation.	1	(2)	3	4	5
2	But I never played cards in Las Vegas.	1	2	(3)	4	5
3	I passed a woman beside the road.	1	2	3	4	(5)
4	I slowed down and pulled up behind her.	1	2	(3)	4	5
5	I went over to her car.	1	(2)	3	4	5
6	Do you have a car jack and a spare tire in the back of your car?	1	(2)	3	4	5
7	We headed to town and talked to the police.	1	2	3	4	(5)
8	I fell in love with her.	1	2	(3)	4	5
9	So I looked after my family alone.	1	2	(3)	4	5
10	They all learned to read and write.	1	(2)	3	4	5

C. Compare the same question asked by two speakers. Is there any difference (in meaning or context)?

D. QUESTION: Where did all this money come from?

THANK YOU!!!

Are you American Brazilian Other _____
 Are you familiar with Brazilians speaking English? Yes No

A. Write exactly what you think each speaker has said.

SPEAKER	SENTENCE
1	This seemed like the right thing to do.
2	So I called out from ^{my} bar.
3	That was the luckiest trip of my life.
4	We've changed the tire.
5	She begged her husband to do the same.
6	My figures made me ^{even} more tired.
7	She loved him and was confident about his health.
8	She called me to ask if I wanted to have her help.
9	Suddenly somebody tortured her arm.
10	Actually she was in love with him.

B. Rate each sentence according to the speaker's accent.

(1) no foreign accent (2) mild accent (3) moderate accent (4) strong accent (5) very strong accent

SPEAKER	SENTENCE	NO FOREIGN ACCENT	MILD ACCENT	MODERATE ACCENT	STRONG ACCENT	VERY STRONG ACCENT
1	I traveled to Las Vegas on vacation.	1	2	3	4	5
2	But I never played cards in Las Vegas.	1	2	3	4	5
3	I passed a woman beside the road.	1	2	3	4	5
4	I slowed down and pulled up behind her.	1	2	3	4	5
5	I went over to her car.	1	2	3	4	5
6	Do you have a car jack and a spare tire in the back of your car?	1	2	3	4	5
7	We headed to town and talked to the police.	1	2	3	4	5
8	I fell in love with her.	1	2	3	4	5
9	So I looked after my family alone.	1	2	3	4	5
10	They all learned to read and write.	1	2	3	4	5

C. Compare the same question asked by two speakers. Is there any difference (in meaning or context)?

D. QUESTION: Where did all this money come from?

THANK YOU!!!

Are you American Brazilian Other _____
 Are you familiar with Brazilians speaking English? Yes No

A. Write exactly what you think each speaker has said.

SPEAKER	SENTENCE
1	This <u>seem</u> like the right thing to do.
2	So I <u>~~~~~</u> for my car.
3	That was the luckiest trip of my life.
4	We've <u>changed</u> the tire.
5	She <u>begged</u> her husband to do the same.
6	My <u>~~~~~</u> made me even more <u>tired</u> .
7	She <u>looked</u> him and was <u>concerned</u> about his health.
8	She <u>called</u> me to ask if I <u>wanted</u> to help her.
9	Suddenly, somebody <u>touch</u> her arm.
10	Actually, she was in love with him.

B. Rate each sentence according to the speaker's accent.

(1) no foreign accent (2) mild accent (3) moderate accent (4) strong accent (5) very strong accent

SPEAKER	SENTENCE	NO FOREIGN ACCENT	MILD ACCENT	MODERATE ACCENT	STRONG ACCENT	VERY STRONG ACCENT
1	I traveled to Las Vegas on vacation.	1	(2)	3	4	5
2	But I never played cards in Las Vegas.	1	2	3	(4)	5
3	I passed a woman beside the road.	1	2	3	4	(5)
4	I slowed down and pulled up behind her.	1	(2)	3	4	5
5	I went over to her car.	(1)	2	3	4	5
6	Do you have a car jack and a spare tire in the back of your car?	1	2	(3)	4	5
7	We headed to town and talked to the police.	1	2	3	4	(5)
8	I fell in love with her.	1	2	(3)	4	5
9	So I looked after my family alone.	1	2	3	(4)	5
10	They all learned to read and write.	1	(2)	3	4	5

C. Compare the same question asked by two speakers. What do you think the context is?

QUESTION: **Where did all this money come from?**

SPEAKER 1: Surprise - did (emphasis)

SPEAKER 2: Reading the sentence - FROM (emphasis)

THANK YOU!!!

Are you American Brazilian Other _____
 Are you familiar with Brazilians speaking English? Yes No

A. Write exactly what you think each speaker has said.

SPEAKER	SENTENCE
1	This <u>seems</u> like the right thing to do.
2	<u>called</u> my car
3	that was the lucky <u>stre</u> of my life.
4	We <u>change</u> the _____
5	She <u>begged</u> her husband to do the same
6	_____ figures _____ more <u>terred</u>
7	She <u>loved</u> him and <u>concerned</u> about his _____
8	She <u>called</u> me to ask if I <u>want</u> to help her.
9	Suddenly, somebody <u>told</u> her the _____
10	<u>Not</u> actually, she was in love with him

B. Rate each sentence according to the speaker's accent.

(1) no foreign accent (2) mild accent (3) moderate accent (4) strong accent (5) very strong accent

SPEAKER	SENTENCE	NO FOREIGN ACCENT	MILD ACCENT	MODERATE ACCENT	STRONG ACCENT	VERY STRONG ACCENT
1	I traveled to Las Vegas on vacation.	(1)	2	3	4	5
2	But I never played cards in Las Vegas.	1	2	3	4	(5)
3	I passed a woman beside the road.	1	2	3	(4)	5
4	I slowed down and pulled up behind her.	1	(2)	3	4	5
5	I went over to her car.	(1)	2	3	4	5
6	Do you have a car jack and a spare tire in the back of your car?	1	(2)	3	4	5
7	We headed to town and talked to the police.	1	2	3	4	(5)
8	I fell in love with her.	1	2	(3)	4	5
9	So I looked after my family alone.	1	2	(3)	4	5
10	They all learned to read and write.	(1)	2	3	4	5

C. Compare the same question asked by two speakers. What do you think the context is?

QUESTION: **Where did all this money come from?**

SPEAKER 1: Emphasis on "money". (Surprise about the money, ^{maybe there is a lot of})

SPEAKER 2: Emphasis on "from". (Maybe it is a suspicious money, maybe it is not legal)

THANK YOU!!!

Are you American Brazilian Other _____
 Are you familiar with Brazilians speaking English? Yes No

A. Write exactly what you think each speaker has said.

SPEAKER	SENTENCE
1	This seemed like the right thing to do.
2	So I can be <u>called</u> from the my car?
3	That was the luckiest trip of my life
4	We've changed the time.
5	She bagged her husband to do the same.
6	Bad furious can ^{must} he even more tired
7	She loved him and was <u>concerned</u> ^{quality} about his health
8	She called me to ask if I wanted to help her
9	Mindfully somebody touched her arm
10	Actually, she was in love with him.

B. Rate each sentence according to the speaker's accent.

(1) no foreign accent (2) mild accent (3) moderate accent (4) strong accent (5) very strong accent

SPEAKER	SENTENCE	NO FOREIGN ACCENT	MILD ACCENT	MODERATE ACCENT	STRONG ACCENT	VERY STRONG ACCENT
1	I traveled to Las Vegas on vacation.	1	②	3	4	5
2	But I never played cards in Las Vegas.	1	2	3	④	5
3	I passed a woman beside the road.	1	2	3	4	⑤
4	I slowed down and pulled up behind her.	1	②	3	4	5
5	I went over to her car.	①	2	3	4	5
6	Do you have a car jack and a spare tire in the back of your car?	1	②	3	4	5
7	We headed to town and talked to the police.	1	2	3	4	⑤
8	I fell in love with her.	1	2	③	4	5
9	So I looked after my family alone.	1	②	3	4	5
10	They all learned to read and write.	①	2	3	4	5

C. Compare the same question asked by two speakers. What do you think the context is?

QUESTION: Where did all this money come from?

SPEAKER 1: The first speaker ^{wanted to know} ~~gave more~~ gave more emphasis on where. The money

SPEAKER 2: The second ~~was~~ gave more emphasis on "from".

THANK YOU!!!

Are you American Brazilian Other _____
 Are you familiar with Brazilians speaking English? Yes No

A. Write exactly what you think each speaker has said.

SPEAKER	SENTENCE
1	This <u>seems</u> like the right thing to do.
2	<u>Cold</u> air from my car.
3	That was the luckiest trip of my life.
4	We've <u>changed</u> the tire.
5	She <u>begged</u> her husband to do the same.
6	Exhausted made me even more <u>tired</u> .
7	She <u>loved</u> him and was <u>concerned</u> about his health.
8	She <u>called</u> me to ask <u>if</u> I <u>wanted</u> to help her.
9	Suddenly somebody <u>touch</u> ed her arm.
10	Actually she was in love with him.

B. Rate each sentence according to the speaker's accent.

(1) no foreign accent (2) mild accent (3) moderate accent (4) strong accent (5) very strong accent

SPEAKER	SENTENCE	NO FOREIGN ACCENT	MILD ACCENT	MODERATE ACCENT	STRONG ACCENT	VERY STRONG ACCENT
1	I traveled to Las Vegas on vacation.	(1)	2	3	4	5
2	But I never played cards in Las Vegas.	1	2	(3)	4	5
3	I passed a woman beside the road.	1	2	3	4	(5)
4	I slowed down and pulled up behind her.	1	(2)	3	4	5
5	I went over to her car.	1	(2)	3	4	5
6	Do you have a car jack and a spare tire in the back of your car?	1	2	3	(4)	5
7	We headed to town and talked to the police.	1	2	3	4	(5)
8	I fell in love with her.	1	2	(3)	4	5
9	So I looked after my family alone.	1	2	(3)	4	5
10	They all learned to read and write.	1	(2)	3	4	5

C. Compare the same question asked by two speakers. Is there any difference (in meaning or context)?

D. QUESTION: Where did all this money come from?

Não há diferença de significado entre as duas gravações, o que ocorre é uma ênfase (acredito que seja o ritmo) diferente nas duas.

THANK YOU!!!

Are you American Brazilian Other _____
 Are you familiar with Brazilians speaking English? Yes No

A. Write exactly what you think each speaker has said.

SPEAKER	SENTENCE
1	This <u>Seems</u> like the right thing to do
2	So I <u>threw</u> out from my car.
3	That was the luckiest trip of my life
4	We've <u>changed</u> the title.
5	She <u>begged</u> her husband to do the same.
6	my <u>fury</u> made me even more <u>tired</u>
7	She <u>loved</u> him and was <u>concerned</u> about his health.
8	she <u>called</u> me to ask if I <u>wanted</u> to help her.
9	Suddenly somebody <u>touch</u> ed her arm.
10	Actually she was in love with him

B. Rate each sentence according to the speaker's accent.

(1) no foreign accent (2) mild accent (3) moderate accent (4) strong accent (5) very strong accent

SPEAKER	SENTENCE	NO FOREIGN ACCENT	MILD ACCENT	MODERATE ACCENT	STRONG ACCENT	VERY STRONG ACCENT
1	I traveled to Las Vegas on vacation.	(1)	2	3	4	5
2	But I never played cards in Las Vegas.	1	2	(3)	4	5
3	I passed a woman beside the road.	1	2	3	4	(5)
4	I slowed down and pulled up behind her.	(1)	2	3	4	5
5	I went over to her car.	(1)	2	3	4	5
6	Do you have a car jack and a spare tire in the back of your car?	1	(2)	3	4	5
7	We headed to town and talked to the police.	1	2	3	4	(5)
8	I fell in love with her.	1	2	(3)	4	5
9	So I looked after my family alone.	1	2	3	4	(5)
10	They all learned to read and write.	(1)	2	3	4	5

C. Compare the same question asked by two speakers. Is there any difference (in meaning or context)?

D. QUESTION: Where did all this money come from?

Yes, in the second question the word "from" is pronounced differently, so it's a little hard to understand.

THANK YOU!!!

Are you American Brazilian Other _____
 Are you familiar with Brazilians speaking English? Yes No

A. Write exactly what you think each speaker has said.

SPEAKER	SENTENCE
1	This <u>seem</u> to like the right thing to do
2	So I <u>called</u> up from my car
3	That was was the luckiest trip of my life
4	We've <u>changed</u> the tire
5	She <u>begged</u> her husband to do the same
6	Beth _____ even more <u>tired</u>
7	She <u>loved</u> him and was <u>concerned</u> about his home
8	She <u>called</u> me to ask if I <u>wanted</u> to help her.
9	Suddenly somebody <u>touch</u> ed her arm
10	Actually she was in love with him

B. Rate each sentence according to the speaker's accent.

(1) no foreign accent (2) mild accent (3) moderate accent (4) strong accent (5) very strong accent

SPEAKER	SENTENCE	NO FOREIGN ACCENT	MILD ACCENT	MODERATE ACCENT	STRONG ACCENT	VERY STRONG ACCENT
1	I traveled to Las Vegas on vacation.	(1)	2	3	4	5
2	But I never played cards in Las Vegas.	1	(2)	3	4	5
3	I passed a woman beside the road.	1	2	3	(4)	5
4	I slowed down and pulled up behind her.	(1)	2	3	4	5
5	I went over to her car.	(1)	2	3	4	5
6	Do you have a car jack and a spare tire in the back of your car?	1	(2)	3	(4)	5
7	We headed to town and talked to the police.	1	(2)	3	(4)	5
8	I fell in love with her.	1	2	(3)	4	5
9	So I looked after my family alone.	1	2	(3)	4	5
10	They all learned to read and write.	(1)	2	3	4	5

C. Compare the same question asked by two speakers. Is there any difference (in meaning or context)?

D. QUESTION: Where did all this money come from?

- 1) money → stress (native like) ²
- 2) from → stress (Brazilian way to speak)

THANK YOU!!!

Are you American Brazilian Other _____
 Are you familiar with Brazilians speaking English? Yes No

A. Write exactly what you think each speaker has said.

SPEAKER	SENTENCE
1	This seems the right thing to do
2	So I? from my car
3	There's the luckiest trip of my life
4	We ^{we} changed the
5	She [?] to her husband to do the same
6	But... makes ^{me even} more tired
7	She loved him and she was concerned
8	She [?] me to asked me with [?]
9	Suddenly, somebody touched her arm.
10	Actually, she was in love with him

B. Rate each sentence according to the speaker's accent.

(1) no foreign accent (2) mild accent (3) moderate accent (4) strong accent (5) very strong accent

SPEAKER	SENTENCE	NO FOREIGN ACCENT	MILD ACCENT	MODERATE ACCENT	STRONG ACCENT	VERY STRONG ACCENT
1	I traveled to Las Vegas on vacation.	1	(2)	3	4	5
2	But I never played cards in Las Vegas.	1	2	3	(4)	5
3	I passed a woman beside the road.	1	2	3	(4)	5
4	I slowed down and pulled up behind her.	1	(2)	3	4	5
5	I went over to her car.	(1)	2	3	4	5
6	Do you have a car jack and a spare tire in the back of your car?	1	2	(3)	4	5
7	We headed to town and talked to the police.	1	2	3	(4)	5
8	I fell in love with her.	1	2	3	(4)	5
9	So I looked after my family alone.	1	2	3	(4)	5
10	They all learned to read and write.	(1)	2	3	4	5

C. Compare the same question asked by two speakers. Is there any difference (in meaning or context)?

D. QUESTION: Where did all this money come from?

1) Surprised

2) Only to check

THANK YOU!!!

Are you American Brazilian Other _____
 Are you familiar with Brazilians speaking English? Yes No

A. Write exactly what you think each speaker has said.

SPEAKER	SENTENCE
1	This <u>seems</u> like the right thing to do.
2	So I called <u>her</u> her from my car.
3	That was the luckiest trip of my life.
4	We've <u>changed</u> the time.
5	She <u>begged</u> her husband to do the same.
6	My <u>curious</u> made me even more <u>tired</u> .
7	She <u>loved</u> him was <u>concerned</u> about his love.
8	She <u>called</u> me and asked ^{to ask} if I <u>wanted</u> to help her.
9	Suddenly somebody <u>touch</u> ed her arm.
10	Actually, she was in love with him.

B. Rate each sentence according to the speaker's accent.

(1) no foreign accent (2) mild accent (3) moderate accent (4) strong accent (5) very strong accent

SPEAKER	SENTENCE	NO FOREIGN ACCENT	MILD ACCENT	MODERATE ACCENT	STRONG ACCENT	VERY STRONG ACCENT
1	I traveled to Las Vegas on vacation.	1	2	3	4	5
2	But I never played cards in Las Vegas.	1	2	3	4	5
3	I passed a woman beside the road.	1	2	3	4	5
4	I slowed down and pulled up behind her.	1	2	3	4	5
5	I went over to her car.	1	2	3	4	5
6	Do you have a car jack and a spare tire in the back of your car?	1	2	3	4	5
7	We headed to town and talked to the police.	1	2	3	4	5
8	I fell in love with her.	1	2	3	4	5
9	So I looked after my family alone.	1	2	3	4	5
10	They all learned to read and write.	1	2	3	4	5

C. Compare the same question asked by two speakers. Is there any difference (in meaning or context)?

D. QUESTION: Where did all this money come from?

Where → place | When → time | ~~Both~~ Both sentences

use different question intentions of answers. | Question 2 is incorrect because of the use of "from".

THANK YOU!!!

Are you American Brazilian Other _____
 Are you familiar with Brazilians speaking English? Yes No

A. Write exactly what you think each speaker has said.

SPEAKER	SENTENCE
1	This <u>seemed</u> like the right thing to do
2	So I <u>called</u> out from my car
3	That was the luckiest trip of my life
4	We've <u>changed</u> the tire
5	She <u>begged</u> her husband to do the same
6	<u>My</u> made me even more <u>tired</u> .
7	She <u>loved</u> him and was <u>concerned</u> about his health
8	She <u>called</u> me to ask if I <u>wanted</u> to help her
9	Suddenly somebody <u>touch</u> ed her arm
10	Actually, she was in love with him.

100%

B. Rate each sentence according to the speaker's accent.

SPEAKER	SENTENCE	(1) no foreign accent (2) mild accent (3) moderate accent (4) strong accent (5) very strong accent				
		NO FOREIGN ACCENT	MILD ACCENT	MODERATE ACCENT	STRONG ACCENT	VERY STRONG ACCENT
1	I traveled to Las Vegas on vacation.	1	(2)	3	4	5
2	But I never played cards in Las Vegas.	1	2	3	4	(5)
3	I passed a woman beside the road.	1	2	3	4	(5)
4	I slowed down and pulled up behind her.	(1)	2	3	4	5
5	I went over to her car.	(1)	2	3	4	5
6	Do you have a car jack and a spare tire in the back of your car?	1	(2)	3	4	5
7	We headed to town and talked to the police.	1	2	3	4	(5)
8	I fell in love with her.	1	(2)	3	4	5
9	So I looked after my family alone.	1	2	3	(4)	5
10	They all learned to read and write.	(1)	2	3	4	5

C. Compare the same question asked by two speakers. Is there any difference (in meaning or context)?

D. QUESTION: Where did all this money come from?

The second person sounds almost desperate, whereas the first one is just asking a question.

THANK YOU!!!

Are you American Brazilian Other _____
 Are you familiar with Brazilians speaking English? Yes No

A. Write exactly what you think each speaker has said.

SPEAKER	SENTENCE
1	This seems ^{like} the right thing to do
2	So I <u>could</u> up for my car
3	That was the luckiest trip of my life
4	We <u>changed</u> the tire
5	She <u>bagged</u> to her husband to do the same.
6	^{even more tired}
7	She <u>loved</u> him and was <u>concerned</u> ^{my} about his health
8	She <u>called</u> me to ask if I <u>want</u> to have her.
9	Suddenly somebody <u>touch</u> ed her arm
10	Actually she was in love with him

B. Rate each sentence according to the speaker's accent.

(1) no foreign accent (2) mild accent (3) moderate accent (4) strong accent (5) very strong accent

SPEAKER	SENTENCE	NO FOREIGN ACCENT	MILD ACCENT	MODERATE ACCENT	STRONG ACCENT	VERY STRONG ACCENT
1	I traveled to Las Vegas on vacation.	1	2	X	4	5
2	But I never played cards in Las Vegas.	1	X	3	4	5
3	I passed a woman beside the road.	1	2	X	4	5
4	I slowed down and pulled up behind her.	1	2	X	4	5
5	I went over to her car.	1	2	3	X	5
6	Do you have a car jack and a spare tire in the back of your car?	1	2	3	X	5
7	We headed to town and talked to the police.	1	2	X	4	5
8	I fell in love with her.	1	2	X	4	5
9	So I looked after my family alone.	1	X	3	4	5
10	They all learned to read and write.	1	2	3	X	5

C. Compare the same question asked by two speakers. Is there any difference (in meaning or context)?

D. QUESTION: Where did all this money come from?

1st wants to know about the money / 2nd wants to know the place where the money come from.

THANK YOU!!!

Are you American Brazilian Other
 Are you familiar with Brazilians speaking English? Yes No

Belgian, native
english

A. Write exactly what you think each speaker has said.

SPEAKER	SENTENCE
1	This seemed like the right thing to do.
2	So I called out for my car.
3	That was the luckiest trip of my life.
4	We've changed the tyre.
5	She begged her husband to do the same.
6	(My fears) made me even more tired.
7	She loved him and was confident about his health.
8	she called me to ask me if I wanted to help her.
9	Suddenly, somebody touched her arm.
10	Actually, she was in love with him.

B. Rate each sentence according to the speaker's accent.

SPEAKER	SENTENCE	(1) no foreign accent (2) mild accent (3) moderate accent (4) strong accent (5) very strong accent				
		NO FOREIGN ACCENT	MILD ACCENT	MODERATE ACCENT	STRONG ACCENT	VERY STRONG ACCENT
1	I traveled to Las Vegas on vacation.	1	2	3	4	5
2	But I never played cards in Las Vegas.	1	2	3	4	5
3	I passed a woman beside the road.	1	2	3	4	5
4	I slowed down and pulled up behind her.	1	2	3	4	5
5	I went over to her car.	1	2	3	4	5
6	Do you have a car jack and a spare tire in the back of your car?	1	2	3	4	5
7	We headed to town and talked to the police.	1	2	3	4	5
8	I fell in love with her.	1	2	3	4	5
9	So I looked after my family alone.	1	2	3	4	5
10	They all learned to read and write.	1	2	3	4	5

C. Compare the same question asked by two speakers. Is there any difference (in meaning or context)?

D. QUESTION: Where did all this money come from?

THANK YOU!!!

Are you American Brazilian Other French
 Are you familiar with Brazilians speaking English? Yes No

A. Write exactly what you think each speaker has said.

SPEAKER	SENTENCE
1 like the right thing to do <u>x</u>
2	So I <u>called</u> out from my <u>cap</u>
3	I was the <u>luckying</u> strip of my <u>life</u> <u>x</u>
4	We've <u>changed</u> ...
5	She <u>bagged</u> her husband to the sea
6	... even <u>more</u> <u>tired</u>
7	She <u>loved</u> him and was <u>---</u> about his <u>---</u>
8	She <u>called</u> me to ask <u>me</u> if I <u>want</u> to help <u>her</u>
9	Suddenly, somebody <u>tortured</u> her arm.
10	Actually, she was in love with him

B. Rate each sentence according to the speaker's accent.

(1) no foreign accent (2) mild accent (3) moderate accent (4) strong accent (5) very strong accent

SPEAKER	SENTENCE	NO FOREIGN ACCENT	MILD ACCENT	MODERATE ACCENT	STRONG ACCENT	VERY STRONG ACCENT
1	I traveled to Las Vegas on vacation.	1	(2)	3	4	5
2	But I never played cards in Las Vegas.	1	2	(3)	4	5
3	I passed a woman beside the road.	1	2	3	(4)	5
4	I slowed down and pulled up behind her.	1	(2)	3	4	5
5	I went over to her car.	(1)	2	(3)	4	5
6	Do you have a car jack and a spare tire in the back of your car?	1	2	3	4	5
7	We headed to town and talked to the police.	1	2	3	4	(5)
8	I fell in love with her.	1	2	3	(4)	5
9	So I looked after my family alone.	1	2	(3)	4	5
10	They all learned to read and write.	(1)	2	3	4	5

C. Compare the same question asked by two speakers. Is there any difference (in meaning or context)?

D. QUESTION: Where did all this money come from?

THANK YOU!!!

Are you American Brazilian Other Danish
 Are you familiar with Brazilians speaking English? Yes No

A. Write exactly what you think each speaker has said.

SPEAKER	SENTENCE
1	it <u>seemd</u> like <u>the</u> right thing to do
2	so i <u>cald?</u> of ^{out} for the car
3	that was the luckiest trip of my life
4	we've <u>chANGED</u> the tigher
5	she <u>baged</u> her husband to the sea (the same)
6	my Furied ^{Furies} made me even more <u>tired</u>
7	she loved him and was <u>consern</u> about his health.
8	she called me, to ask if if I <u>wanted</u> to <u>help</u> her
9	suddenly somebody <u>duched</u> her arm.
10	accetely she was ^(nt) in love <u>with</u> him

B. Rate each sentence according to the speaker's accent.

(1) no foreign accent (2) mild accent (3) moderate accent (4) strong accent (5) very strong accent						
SPEAKER	SENTENCE	NO FOREIGN ACCENT	MILD ACCENT	MODERATE ACCENT	STRONG ACCENT	VERY STRONG ACCENT
1	I traveled to Las Vegas on vacation.	(1)	2	3	4	5
2	But I never played cards in Las Vegas.	1	2	(3) ← → (4)	4	5
3	I passed a woman beside the road.	1	2	3	4	(5)
4	I slowed down and pulled up behind her.	(1)	(2)	3	4	5
5	I went over to her car.	(1)	2	3	4	5
6	Do you have a car jack and a spare tire in the back of your car?	1	2	(3)	4	5
7	We headed to town and talked to the police.	1	2	3	4	(5)
8	I fell in love with her.	1	2	3	(4)	5
9	So I looked after my family alone.	1	2	(3)	4	5
10	They all learned to read and write.	(1)	2	3	4	5

C. Compare the same question asked by two speakers. Is there any difference (in meaning or context)?

D. QUESTION: Where did all this money come from?

THANK YOU!!!

Are you American Brazilian Other French
 Are you familiar with Brazilians speaking English? Yes No

A. Write exactly what you think each speaker has said.

SPEAKER	SENTENCE
1	It <u>seems</u> like the right thing to do
2	So I <u>?</u> out from my car
3	That was the luckiest trip of my life
4	We <u>changed</u> the tire
5	She <u>?</u> her husband to the
6	My <u>?</u> made me even more <u>?</u>
7	She <u>loved</u> him <u>concerned</u>
8	She <u>called</u> me to a stop if I wanted <u>to help her</u>
9	Suddenly, somebody <u>?</u> to her <u>?</u>
10	Actually she was in love with him

B. Rate each sentence according to the speaker's accent.

(1) no foreign accent (2) mild accent (3) moderate accent (4) strong accent (5) very strong accent

SPEAKER	SENTENCE	NO FOREIGN ACCENT	MILD ACCENT	MODERATE ACCENT	STRONG ACCENT	VERY STRONG ACCENT
1	I traveled to Las Vegas on vacation.	1	2	(3)	4	5
2	But I never played cards in Las Vegas.	1	2	(3)	4	5
3	I passed a woman beside the road.	1	2	3	4	(5)
4	I slowed down and pulled up behind her.	1	(2)	3	4	5
5	I went over to her car.	1	(2)	3	4	5
6	Do you have a car jack and a spare tire in the back of your car?	1	(2)	3	4	5
7	We headed to town and talked to the police.	1	2	3	(4)	5
8	I fell in love with her.	1	2	(3)	4	5
9	So I looked after my family alone.	1	2	3	(4)	5
10	They all learned to read and write.	1	(2)	3	4	5

C. Compare the same question asked by two speakers. Is there any difference (in meaning or context)?

D. QUESTION: Where did all this money come from?

THANK YOU!!!

Are you American Brazilian Other French
 Are you familiar with Brazilians speaking English? Yes No

A. Write exactly what you think each speaker has said.

SPEAKER	SENTENCE
1	This <u>seems</u> like the right thing to do
2	<u>?</u> for my car
3	That was the <u>coolest</u> trip of my life
4	We have <u>changed</u> the tyre
5	She <u>begged</u> her husband to do the same
6	<u>?</u> made me even more tired
7	She <u>loved</u> him. <u>?</u> <u>concerned</u> about him?
8	She <u>called</u> me to <u>pick</u> it up to help her
9	Suddenly somebody <u>tortured</u> her arm
10	Actually she was in love with him

B. Rate each sentence according to the speaker's accent.

(1) no foreign accent (2) mild accent (3) moderate accent (4) strong accent (5) very strong accent

SPEAKER	SENTENCE	NO FOREIGN ACCENT	MILD ACCENT	MODERATE ACCENT	STRONG ACCENT	VERY STRONG ACCENT
1	I traveled to Las Vegas on vacation.	1	2	(3)	4	5
2	But I never played cards in Las Vegas.	1	2	(3)	4	5
3	I passed a woman beside the road.	1	2	3	4	(5)
4	I slowed down and pulled up behind her.	(1)	2	3	4	5
5	I went over to her car.	(1)	2	3	4	5
6	Do you have a car jack and a spare tire in the back of your car?	1	2	(3)	4	5
7	We headed to town and talked to the police.	1	2	3	4	(5)
8	I fell in love with her.	1	2	3	(4)	5
9	So I looked after my family alone.	1	2	3	4	(5)
10	They all learned to read and write.	(1)	2	3	4	5

C. Compare the same question asked by two speakers. Is there any difference (in meaning or context)?

D. QUESTION: Where did all this money come from?

THANK YOU!!!

Are you American Brazilian Other Congolese
 Are you familiar with Brazilians speaking English? Yes No

A. Write exactly what you think each speaker has said.

SPEAKER	SENTENCE
1	This <u>sees</u> like right thing to do
2	So I <u>called</u> off my car
3	That was the luckiest trip of my life
4	We've <u>changed</u> the time.
5	She <u>begged</u> her husband to do the same.
6	~~~~~ made me ^{even} more tired
7	She loved him ^{at} most <u>(concern)</u> about his hope
8	She <u>comes</u> ^{CAUSED} me to ask if I wanted to help her
9	Suddenly somebody <u>touch</u> her arm
10	Actually she wasn't in love with him

B. Rate each sentence according to the speaker's accent.

SPEAKER	SENTENCE	(1) no foreign accent (2) mild accent (3) moderate accent (4) strong accent (5) very strong accent				
		NO FOREIGN ACCENT	MILD ACCENT	MODERATE ACCENT	STRONG ACCENT	VERY STRONG ACCENT
1	I traveled to Las Vegas on vacation.	(1)	2	3	4	5
2	But I never played cards in Las Vegas.	1	2	(3)	4	5
3	I passed a woman beside the road.	1	2	3	4	(5)
4	I slowed down and pulled up behind her.	1	2	3	(4)	5
5	I went over to her car.	(1)	2	3	4	5
6	Do you have a car jack and a spare tire in the back of your car?	1	(2)	3	4	5
7	We headed to town and talked to the police.	1	2	3	4	(5)
8	I fell in love with her.	1	2	3	(4)	5
9	So I looked after my family alone.	1	2	3	(4)	5
10	They all learned to read and write.	1	2	(3)	4	5

C. Compare the same question asked by two speakers. Is there any difference (in meaning or context)?

D. QUESTION: Where did all this money come from?

THANK YOU!!!

Are you American Brazilian Other Norwegian
 Are you familiar with Brazilians speaking English? Yes No

A. Write exactly what you think each speaker has said.

SPEAKER	SENTENCE
1	This seemed like the right to do
2	So I called out from my car
3	That was the luckiest trip of my life
4	We've <u>changed</u> a tire
5	She begged her husband to do the same
6	That funeral made me even more tired
7	She loved him and was <u>concerned</u> about his health
8	She called me to ask if I want to help her
9	Suddenly somebody touched her arm
10	Ex Actually she was in love with him

B. Rate each sentence according to the speaker's accent.

(1) no foreign accent (2) mild accent (3) moderate accent (4) strong accent (5) very strong accent						
SPEAKER	SENTENCE	NO FOREIGN ACCENT	MILD ACCENT	MODERATE ACCENT	STRONG ACCENT	VERY STRONG ACCENT
1	I traveled to Las Vegas on vacation.	①	2	3	4	5
2	But I never played cards in Las Vegas.	1	2	③	4	5
3	I passed a woman beside the road.	1	2	3	4	⑤
4	I slowed down and pulled up behind her.	1	②	3	4	5
5	I went over to her car.	①	2	3	4	5
6	Do you have a car jack and a spare tire in the back of your car?	1	2	③	4	5
7	We headed to town and talked to the police.	1	2	3	4	⑤
8	I fell in love with her.	1	2	3	④	5
9	So I looked after my family alone.	1	2	③	4	5
10	They all learned to read and write.	①	2	3	4	5

C. Compare the same question asked by two speakers. What do you think the context is?

QUESTION: **Where did all this money come from?**

SPEAKER 1: Asking where the money came from? More concerned

SPEAKER 2: Slightly strong accent.

THANK YOU!!!

Are you American Brazilian Other _____
 Are you familiar with Brazilians speaking English? Yes No

A. Write exactly what you think each speaker has said.

SPEAKER	SENTENCE
1	This <u>seems</u> like the right thing to do
2	I <u>?</u> from my ear
3	That was the <u>luckiest</u> of my life
4	We <u>changed</u> it the tire
5	She <u>begged</u> her husband to sing
6	<u>funerals</u> made me even more
7	she <u>loved</u> him come <u>concerned</u>
8	she <u>called</u> to me to ask if I wanted <u>to help her</u> .
9	Suddenly, somebody <u>tore</u> her arm
10	Actually, she was in love with him

B. Rate each sentence according to the speaker's accent.

(1) no foreign accent (2) mild accent (3) moderate accent (4) strong accent (5) very strong accent

SPEAKER	SENTENCE	NO FOREIGN ACCENT	MILD ACCENT	MODERATE ACCENT	STRONG ACCENT	VERY STRONG ACCENT
1	I traveled to Las Vegas on vacation.	(1)	2	3	4	5
2	But I never played cards in Las Vegas.	1	(2)	3	4	5
3	I passed a woman beside the road.	1	(2)	3	4	5
4	I slowed down and pulled up behind her.	1	(2)	3	4	5
5	I went over to her car.	(1)	2	3	4	5
6	Do you have a car jack and a spare tire in the back of your car?	1	(2)	3	4	5
7	We headed to town and talked to the police.	1	2	(3)	4	5
8	I fell in love with her.	1	2	(3)	4	5
9	So I looked after my family alone.	1	(2)	3	4	5
10	They all learned to read and write.	1	(2)	3	4	5

C. Compare the same question asked by two speakers. Is there any difference (in meaning or context)?

D. QUESTION: Where did all this money come from?

The first question places the accent on "money"
 The second question emphasis it in the last word "from".
 THANK YOU!!!

What's your nationality? Dutch What's your native language? Dutch (I lived in England for 14 years)

Are you familiar with Brazilians speaking English? Yes No

A. Write exactly what you think each speaker has said.

SPEAKER	SENTENCE
1	This seems like the right thing to do
2	So, I called out from my car
3	That was the luckiest trip of my life
4	We've changed the tyre
5	She begged her husband to do the same
6	My ^{fever?} made me even more tired
7	She loved him and was concerned about his health
8	She called me to ask if I want to help her.
9	Suddenly, somebody touched his arm
10	Actually, she was in love with him

B. Rate each sentence according to the speaker's accent.

(1) no foreign accent (2) mild accent (3) moderate accent (4) strong accent (5) very strong accent

SPEAKER	SENTENCE	NO FOREIGN ACCENT	MILD ACCENT	MODERATE ACCENT	STRONG ACCENT	VERY STRONG ACCENT
1	I traveled to Las Vegas on vacation.	(1)	2	3	4	5
2	But I never played cards in Las Vegas.	1	2	(3)	4	5
3	I passed a woman beside the road.	1	2	3	4	(5)
4	I slowed down and pulled up behind her.	(1)	2	3	4	5
5	I went over to her car.	(1)	2	3	4	5
6	Do you have a car jack and a spare tire in the back of your car?	1	(2)	3	4	5
7	We headed to town and talked to the police.	1	2	(3)	4	5
8	I fell in love with her.	1	(2)	3	4	5
9	So I looked after my family alone.	1	2	(3)	4	5
10	They all learned to read and write.	(1)	2	3	4	5

What's your nationality? Chilena What's your native language? Español
 Are you familiar with Brazilians speaking English? Yes No

A. Write exactly what you think each speaker has said.

SPEAKER	SENTENCE
1	? right things to do
2	so I call up from my car
3	that was the lucky strip of my life
4	We changed the tire
5	she ? her husband ?
6	my feet ? make even more tired
7	she loves him ? about his house
8	she called to me to ask if I want to leave her
9	suddenly somebody touched her arm
10	actually she was in love with Tim.

B. Rate each sentence according to the speaker's accent.

(1) no foreign accent (2) mild accent (3) moderate accent (4) strong accent (5) very strong accent

SPEAKER	SENTENCE	NO FOREIGN ACCENT	MILD ACCENT	MODERATE ACCENT	STRONG ACCENT	VERY STRONG ACCENT
1	I traveled to Las Vegas on vacation.	1	2	3	4	5
2	But I never played cards in Las Vegas.	1	2	3	4	5
3	I passed a woman beside the road.	1	2	3	4	5
4	I slowed down and pulled up behind her.	1	2	3	4	5
5	I went over to her car.	1	2	3	4	5
6	Do you have a car jack and a spare tire in the back of your car?	1	2	3	4	5
7	We headed to town and talked to the police.	1	2	3	4	5
8	I fell in love with her.	1	2	3	4	5
9	So I looked after my family alone.	1	2	3	4	5
10	They all learned to read and write.	1	2	3	4	5